

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA

BIANKA BIAZUZ VICENTE

A EDUCAÇÃO AMBIENTAL NA CONSTRUÇÃO DE CURRÍCULO INTEGRADO
PARA CATADORAS/CATADORES E RECICLADORAS/RECICLADORES DE
RESÍDUOS SÓLIDOS: ELEMENTOS PARA REFLEXÃO

PORTO ALEGRE –RS

2012/1

BIANKA BIAZUZ VICENTE

A EDUCAÇÃO AMBIENTAL NA CONSTRUÇÃO DE CURRÍCULO INTEGRADO
PARA CATADORAS/CATADORES E RECICLADORAS/RECICLADORES DE
RESÍDUOS SÓLIDOS: ELEMENTOS PARA REFLEXÃO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Comissão de Graduação do Curso de Pedagogia da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciatura em Pedagogia. Orientadora: Profa. Dra. Maria Clara Bueno Fischer

PORTO ALEGRE – RS

2012/1

AGRADECIMENTOS

Não poderia haver mais do coração.....

Concluí esta jornada, agora sou uma pedagoga! Este sonho somente foi possível graças ao amor: O amor do Carlos Tejera, sempre tão presente em minha vida e a tornando tão feliz, essa conquista eu dedico a ti. O amor dos meus avós, Dorvalino e Clodomira Biazuz, razões da minha vida, que tanto me cuidam mesmo que à distância. O amor do meu pai querido, Lairson Vicente, que me possibilitou a vida e tantos momentos inesquecíveis. O amor dos meus amigos e amigas: Claraluz Gris, Roberta Boscardin, Gabriela Kralik, Marina Vargas, Olívia Soares, Deisiane Lopes, Marcelo Carbonell, João e Vanusa Gubert e Michele Lindner, vocês são o meu sorriso mais sincero... Grata a todas e todos vocês!

Gratidão é também o que eu sinto pela Faculdade de Educação da UFRGS como um todo. Em especial agradeço as professoras: Simone Valdete dos Santos por sua dedicação, orientação, estímulo e inspiração. À Professora Maria Clara Bueno Fischer por toda intensidade deste curto período de orientação desta monografia, teus ensinamentos contribuíram muito com minha formação. À professora Maria Aparecida Bergamaschi por toda sensibilidade e por me mostrar que se ensina principalmente com as atitudes e a postura ética. À professora Tania Beatriz Iwaszko Marques que eu tanto admiro pelas aprendizagens “nas entrelinhas” em momentos que nem nos damos por conta que estamos aprendendo. À professora Denise Maria Comerlato que participou e orientou um importante momento da minha formação.

Toda a minha gratidão e admiração para todas as catadoras e catadores, recicladoras e recicladores de resíduos sólidos, pelo seu trabalho árduo e extremamente necessário à nossa sociedade tão impregnada de consumo e tão despreparada para o descarte, para entender que precisamos de novas posturas ante a nossa relação com o meio ambiente que nos constitui. A essas trabalhadoras e trabalhadores, dedico minha pesquisa e minha luta.

RESUMO

A monografia versa sobre a contribuição de pressupostos da Educação Ambiental em interfaces com a Educação Popular, Educação de Jovens e Adultos e Trabalho na construção de propostas de Currículo Integrado para catadoras/catadores e recicladoras/ recicladores de resíduos sólidos. Justifica-se esse estudo pela expectativa de formação que é prevista no Decreto nº 7.405/10 sob a égide da Política Nacional de Resíduos Sólidos, Lei nº 12305/2010. Esta investigação se constitui a partir do estudo de campo realizado na cidade de Porto Alegre e das reflexões teóricas que privilegiam as contribuições de Nilton Bueno Fischer, Paulo Freire e Gaudêncio Frigotto, como referências dos pressupostos indicados. O convívio de um ano e meio com o grupo da Associação de Reciclagem Ecológica Rubem Berta e visitas as Unidades/Associações de Triagem de resíduos sólidos: Centro de Triagem Vila Pinto e Centro de Triagem Vila Chocolate, desenvolveram-se inspirados em procedimentos metodológicos qualitativos de natureza etnográfica e permitiram a aproximação da estudante do meio social e da realidade de trabalho dos sujeitos investigados. O resultado do estudo apresenta elementos que emergiram da análise sobre a vivência dos sujeitos pesquisados e das contribuições teóricas que evidenciam a relevância da Educação Ambiental no arcabouço teórico-metodológico de Currículo Integrado para sujeitos que, através de seu trabalho, participam do complexo processo de reciclagem de resíduos sólidos.

Palavras chave: Recicladores/ Catadores de Resíduos Sólidos -Educação Ambiental - Currículo Integrado.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Primeira Etapa: recepção de materiais.....	22
Figura 2 – Segunda Etapa: triagem (separação) dos resíduos sólidos.....	22
Figura 3 – Terceira Etapa: acondicionamento pré-prensagem.....	23
Figura 4 – Quarta Etapa: prensagem.....	23
Figura 5 – Quinta Etapa: acondicionamento pós-prensagem.....	23

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO: PRINCÍPIO DE QUESTIONAMENTOS, O PRINCÍPIO DA PESQUISA.....	7
2 MINHA DIREÇÃO: PROLEMA DE PESQUISA	10
2.1. METODOLOGIA.....	13
3 MARCO TEÓRICO: UM PERCURSO COMUNICATIVO ENTRE CAMPOS DA EDUCAÇÃO.....	16
3.1. MARCO POLÍTICO: POLÍTICA NACIONAL DE RESÍDUOS SÓLIDOS: UMA CONQUISTA PARA A ESPERANÇA.....	20
4 OS MOVIMENTOS COLETIVOS E COTIDIANOS: O TRABALHO NA RECICLAGEM COMO POSSIBILIDADE SOBREVIVÊNCIA E RESISTÊNCIA.....	21
4.1. ASSOCIAÇÃO DE RECICLAGEM ECOLÓGICA RUBEM BERTA – ARERB.....	24
4.2. CENTRO DE TRIAGEM DA VILA PINTO – CTPV.....	32
4.3. ASSOCIAÇÃO DE CATADORES E RECICLADORES DA VILA CHOCOLATÃO - (ACRVC).....	35
5 EDUCAÇÃO AMBIENTAL: O ALVORECER DE UMA NOVA HISTÓRIA.....	37
6 PERSPECTIVAS DE UM CURRÍCULO INTEGRADO PARA AS TRABALHADORAS/ TRABALHADORES	41
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS: A INTEGRAÇÃO DE REFLEXÕES.....	45
REFERÊNCIAS.....	48
APÊNDICE I.....	51
APÊNDICE II.....	54

1 INTRODUÇÃO: PRINCÍPIO DE QUESTIONAMENTOS, O PRINCÍPIO DA PESQUISA

Durante toda a minha vida de moradora da cidade de Porto Alegre sempre me intrigou a maneira de viver das pessoas que fazem das sobras do nosso consumo um modo de ganhar a vida. Observava que tais pessoas eram desvalorizadas em função do trabalho que desenvolviam e que isso às tornava indesejáveis, como se o seu trabalho fosse uma doença que pudesse ser transmitida. Digo isso por me lembrar de situações dos idos anos 80, época em que eu era criança, em que me ameaçavam com o “velho do saco”. Era um homem que passava em frente à minha casa semanalmente para separar papel, papelão, vidro e lata.

Nesta época não havia em Porto Alegre coleta seletiva nem se via ou se ouvia falar em reciclagem ou mesmo nos problemas ambientais relacionados ao uso que fazemos dos nossos recursos naturais e ao tratamento que damos ao que resta de nosso consumo¹, ao menos não como atualmente. Hoje ouvimos falar destes assuntos nas ruas, nas diferentes mídias, principalmente após chuvas que alagam e desabrigam a população. Os vilões são sempre o lixo e as mudanças climáticas que também estão relacionadas ao consumo e, por conseguinte, ao lixo. Todavia, mesmo em um momento histórico onde o crescimento econômico aponta o risco de um colapso ambiental e onde, entre outras medidas tímidas, adota-se a última etapa que sustenta o tripé da sustentabilidade Reduzir – Reutilizar – Reciclar como uma “tábua de salvação”, tanto o trabalhador/trabalhadora que desenvolve suas funções dentro da área do tratamento de resíduos sólidos, quanto o próprio processo de separação, seja domiciliar ou institucional, estão à mercê, sem o devido reconhecimento e tratamento.

Ao ingressar no curso de Pedagogia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), no ano de 2007, eu já havia decidido direcionar meus estudos para a Educação Ambiental (EA), pois questões como consumo, miséria e desigualdade social e degradação do meio ambiente sempre estiveram no centro de minhas preocupações como cidadã. Percebia que tais problemas estavam interligados. No decorrer do curso surgiu interesse de minha parte pelo campo da Educação de Jovens e Adultos (EJA) unida à Educação Popular e, por este

¹ Mauro Grün em seu livro “*Ética e Educação Ambiental: A conexão necessária (2007, p. 111)*”, utiliza dados de uma pesquisa feita por Bower (1993), onde se demonstra que até o ano de 1985 não havia nenhum livro ou texto direcionado ao ensino ginasial nos Estados Unidos que tratasse das conseqüências e prejuízos ambientais ocorridos pelo desenvolvimento das modernas sociedades industriais nos últimos séculos e chama a ausência dessas questões no currículo de “áreas de silêncio no currículo”. Pontua que não tem conhecimento de trabalho semelhante no Brasil, mas que possui boas razões para acreditar que muito provavelmente, se fosse feita uma pesquisa semelhante no Brasil, o resultado seria o mesmo.

caminho, principiei a procurar maneiras de vincular tais campos de atuação de uma educadora com a EA.

Neste período de busca por compreender e vincular estes campos cursei uma disciplina eletiva chamada “Educação e Movimentos Sociais”. Esta me levou a conhecer a Associação de Reciclagem Ecológica Rubem Berta (ARERB), em função da realização de um trabalho que seria apresentado em aula. Esta, sem dúvida, foi a experiência que mais me impactou na minha formação para a docência. Consegui, não através de palavras, mas de sensações e sentimentos, fechar uma “sinapse”, o que provocou uma revolução no meu modo de entender o meio ambiente e a educação. Percebi que aquele era um lugar onde poderiam ser exercitadas reflexões sobre os temas que me inquietavam.

Ao pesquisar sobre a ARERB cheguei a um nome chave, o do Prof. Dr. Nilton Bueno Fischer, pesquisador e docente da Faculdade de Educação (FACED/UFRGS) no Programa de Pós Graduação em Educação (PPGEDU/UFRGS), já falecido. Por meio da pesquisa deste professor, desenvolvida por cerca de vinte anos e documentada em diversas publicações², tive acesso ao universo não só da ARERB, mas das relações substanciais entre educação, trabalho e meio ambiente que se atravessam e se emaranham na estrutura de uma associação de trabalhadoras/trabalhadores que seleciona e recicla resíduos sólidos. Neste sentido, cumpre ressaltar que a compreensão e o suporte teórico presentes nesta monografia estão comprometidos e alicerçados em grande proporção nas perspectivas desse pesquisador, pois:

A tarefa e a grandeza potencial dos mortais têm a ver com a sua capacidade de produzir coisas – obras e feitos e palavras – que mereciam pertencer e, pelo menos até certo ponto, pertencem à eternidade, de sorte que, através delas, os mortais possam encontrar o seu lugar num cosmo onde tudo é imortal exceto eles próprios. Por sua capacidade de feitos imortais, por poderem deixar atrás de si vestígios imorredouros, os homens, a despeito de sua mortalidade individual, atingem o seu próprio tipo de imortalidade e demonstram sua natureza “divina”. (HARENDT, 2001, p.27-8).

Assim, o legado de uma pesquisa feita a partir da vivência e do comprometimento, tanto com um grupo de recicladores, no caso os da ARERB, como com a Educação, não poderia merecer menos destaque.

² Vide FISCHER, Nilton Bueno: Aprendizagens com adultos recicladores. Educação e Realidade, Porto Alegre, v. 29, p. 201-218, 2004; FISCHER, Nilton Bueno. Trabalho e autonomia - construção do 'possível' entre os trabalhadores, homens e mulheres, recicladores da Associação Ecológica Rubem Berta de Porto Alegre - RS. Educação Unisinos, v. 10, p. 130-138, 2006; FISCHER, Nilton Bueno. Educação Popular em Tempos de Mulheres Papeleiras. Cadernos do CEDES (UNICAMP), Campinas, v. ago.96, n. 38, p. 100-112, 1995; FISCHER, Nilton Bueno: Recicladores e Recicladoras: interações entre saberes populares e acadêmicos sobre meio ambiente a partir do protagonismo das classes populares In: Fernando Freitas Fuão e Eduardo Rocha. (Org.). Galpões de Reciclagem e a Universidade. 1 ed. Pelotas: UFPel, 2008, v. 1, p. 49-67.

Logo após o contato com a ARERB, ingressei no Programa de Iniciação Científica da UFRGS, a partir de convite da Profa. Dra. Simone Valdete dos Santos, cuja pesquisa tinha seus objetivos centrados no entendimento do processo de construção de currículos do “Programa Nacional de Integração da Educação Profissional com a Educação Básica na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos”, o PROEJA. Como o próprio nome indica, o PROEJA objetiva a integração da Educação Básica, na modalidade EJA, com a Educação Profissional. Eu e minha orientadora percebemos que havia potencialidades da minha pesquisa ser desenvolvida na ARERB. Outro fato marcante, quanto ao desenvolvimento da pesquisa, foi o fato de a professora Simone ter sido orientanda do Prof. Dr. Nilton Bueno Fischer, o que tornou a presença do pensamento deste mais forte em minhas análises e entendimentos.

Tão logo recebi o consentimento das trabalhadoras³/trabalhadores da ARERB para desenvolver a pesquisa junto à associação, comecei um acompanhamento participativo e semanal das atividades da associação, em março de 2010, e convivi com o grupo até junho de 2011. O segundo movimento/etapa foi conhecer outras Associações/Unidades/Centros de Triagem de resíduos sólidos da cidade de Porto Alegre. Refiro-me à Associação de Catadores e Recicladores da Vila Chocolate (ACRVC) e ao Centro de Triagem da Vila Pinto. Este trajeto me proporcionou uma visão ampla das diferentes realidades dessas associações e de suas trabalhadoras/trabalhadores. Resumidamente, este foi o percurso que me inseriu na pesquisa com grupos de catadoras/catadores e recicladoras/recicladores.

Nesta monografia apresento os resultados das minhas reflexões sobre os dados coletados e produzidos durante a pesquisa de campo *in loco* nas associações citadas. Tais associações, mediante suas constituições no âmbito do humano e no âmbito do trabalho, possibilitam a construção de ideias que culminam em integrar, teoricamente, diferentes campos de saberes. Tal integração combina interações entre a EA e a Educação Popular, a Educação de Jovens e Adultos e o Trabalho na construção de propostas de Currículo Integrado para catadoras/catadores e recicladoras/ recicladores de resíduos sólidos. A intenção é demonstrar que a EA pode contribuir para a elaboração de um currículo que contemple as especificidades desta área

³ O Relatório Final do Estudo do Perfil Sócio- Educacional da População de Catadores de Materiais Recicláveis Organizados em Cooperativas, Associações e Grupos de Trabalho ((FISCHER, MEYER e STEPHANOU 2010, p. 104), projeto MEC - FNDE/Catadores apresenta que dados que revelam que 67% dos trabalhadores desta área são mulheres, número que pode ser explicado pela organização da dinâmica produtiva, já que a maioria dos trabalhadores da reciclagem se ocupa da triagem dos materiais, e esta mostra -se uma tarefa marcadamente feminina nos grupos consultados (80%). Nas associações em que desenvolvi essa pesquisa também pude constatar tal fenômeno, deste modo estarei me referindo ao gênero feminino e masculino quando me referir a esses sujeitos.

de atuação profissional e colabore com a autonomia e a reflexão crítica individual e coletiva destes sujeitos.

2 MINHA DIREÇÃO: PROBLEMA DE PESQUISA

Porto Alegre, capital do Estado do Rio Grande do Sul, é uma cidade pioneira no que tange à coleta seletiva de resíduos domiciliares. Este procedimento foi iniciado em 1990 com a implementação do código de limpeza urbana, em vigor até hoje. Refiro-me à Lei Complementar nº 234 de Outubro de 1990, a qual dispõe sobre o serviço de gerenciamento dos resíduos sólidos urbanos – estando estes sob a responsabilidade do Departamento Municipal de Limpeza Urbana (DMLU). Esta Lei regula as obrigações do cidadão em relação à coleta seletiva, define qual é o público a que se destina este serviço e passa pela sistematização dos diferentes resíduos, seu acondicionamento, e trata, também, das infrações sujeitas à penalidade. O desenvolvimento e a aplicação desta política pública deram visibilidade nacional e internacional a Porto Alegre, que se tornou modelo para muitas outras cidades e projetos. Inicialmente a coleta seletiva atendia apenas o bairro do Bom Fim, mas com sua ampliação passou a atender gradualmente a todos os bairros da cidade. O material recolhido pelas equipes do DMLU é levado para as dezoito associações ou cooperativas conveniadas. O DMLU denomina essas associações e cooperativas como Unidades de Triagem, as UTs. Todavia, as UTs se constituem juridicamente como associações ou cooperativas, as quais são somente parcialmente subsidiadas pela prefeitura municipal de Porto Alegre. Nesta monografia farei referência às mesmas utilizando o nome de associação ou de cooperativa.

As trabalhadoras/trabalhadores das associações ou das cooperativas organizam-se em entidades autônomas, não se constituem como assalariados com vínculo empregatício com a prefeitura. A prefeitura apenas envia os resíduos sólidos, os quais passam pelo processo de separação (triagem), prensagem e acondicionamento, e, após, recolhe o rejeito para encaminhá-lo para o aterro sanitário. A prefeitura também contribui financeiramente com uma verba mensal para a manutenção do maquinário e pagamento da luz. Quando uma associação ou cooperativa inicia suas atividades, é concedida assessoria à entidade, na primeira fase de sua implantação.

Um fator preocupante é a constituição do rejeito do processo de triagem de determinados resíduos sólidos, os quais são enviados para os aterros sanitários⁴, pilhas, baterias de carros e de celulares, lâmpadas, tonners de tinta, sprays, medicamentos vencidos, solventes e equipamentos eletrônicos. Estes, quando descartados na natureza, são altamente nocivos. Assim, lâmpadas fluorescentes, por exemplo, quando descartadas, não devem ser quebradas e encaminhadas para os aterros sanitários, pois contém mercúrio, substância que provoca sérios problemas de contaminação ao meio ambiente. Neste sentido, a necessidade de dar um destino adequado aos resíduos tóxicos e a preocupação com a contaminação do meio ambiente e dos lençóis freáticos são aspectos que já vêm sendo discutidos em conferências como a das Nações Unidas para o Meio Ambiente, Eco- 92, Rio + 10 e, recentemente, a do Rio +20 – tais preocupações estão, inclusive, expressas em documentos como o Protocolo de Kyoto e a Agenda 21.

A formação para o trabalho nestas associações e cooperativas se dá através de agências do Terceiro Setor⁵, a partir de ações de Organizações Não Governamentais (ONGs) e de ações comunitárias. Agora, com a regulamentação da Logística Reversa, definida no artigo 3º, inciso XII, da Política Nacional de Resíduos Sólidos, Lei nº 12. 305, vemos também o Segundo Setor organizando, desenvolvendo e ofertando cursos de capacitação para o trabalho destas trabalhadoras/trabalhadores, com o objetivo de utilizar seu labor para se enquadrarem nas exigências da lei. Neste sentido o *Relatório Final do Estudo do Perfil Sócio- Educacional da População de Catadores de Materiais Recicláveis Organizados em Cooperativas, Associações e Grupos de Trabalho (2010)*, projeto MEC - FNDE/Catadores, desenvolvido sob a coordenação de Meyer, Fischer e Stephanou, demonstra que.

Se nos voltamos às estratégias formativas distintas do processo de escolarização, observamos que mais da metade dos catadores (56%) realizaram algum tipo curso (artesanato, informática, etc.). No entanto, de acordo com os gráficos abaixo, não se percebe contribuição efetiva de tais iniciativas formativas para a ampliação e/ou qualificação das oportunidades laborais (apenas 18,7% desenvolveram atividades relacionadas à formação realizada). As capacitações realizadas não resultaram em novas oportunidades de trabalho. Imaginamos possível aventar que a debilidade de recursos e qualificação de tais cursos inviabiliza modificações no quadro de subsistência. (FISCHER, MEYER e STEPHANOU, 2010 p.98-99).

⁴ O estudo apresentado por Fabiano Andersson (2005) em sua Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós Graduação em Administração da Universidade Federal do Rio Grande do Sul estima que aproximadamente 40 toneladas de resíduos sejam coletadas diariamente. Desta coleta, 29% são rejeitos, os quais são enviados ao aterro sanitário da cidade após o processo de triagem. Os rejeitos são, entre outros, restos de alimentos, lâmpadas, medicamentos, pilhas, trapos, embalagens tetra-pack, sacolas de supermercados, materiais recicláveis sujos, etc. Disponível em: <http://www.bvsde.paho.org/bvsacd/cd48/exploratorio.pdf>

⁵ Segundo Vera Maria Vidal Peroni (2009) o conceito de terceiro setor foi construído por intelectuais orgânicos do sistema do capital, estando vinculado aos interesses da alta burguesia. Deste modo o Primeiro setor, Segundo Setor e Terceiro Setor correspondem ao Estado, Mercado e Sociedade Civil consecutivamente.

Saliento aqui que o dia a dia de trabalho – duro – dos sujeitos com os quais convivi nas associações e cooperativas praticamente inviabiliza o retorno à escola⁶. Por outro lado, a escola também não é atrativa, pois está desvinculada dos projetos de vida e do cotidiano desses sujeitos. Porém, as próprias trabalhadoras/trabalhadores demandam formação para o trabalho que lhes possibilite ampliar ganhos materiais e horizontes de vida⁷.

Ir a uma associação de triagem e reciclagem de resíduos sólidos, observar e compartilhar um tempo significativo dos processos e relações de trabalho cria condições potencialmente mais favoráveis para conhecer e problematizar as especificidades deste fazer. Ao visitar a primeira vez a ARERB no ano de 2009 e, após, passar a conviver no período dos anos 2010 e 2011, conhecer e presenciar situações que, parafraseando Fischer (2009, p.35), não encontramos elementos teóricos suficientes para entender; questionamentos foram emergindo acerca das condições de trabalho, da união geradora de vida, trabalho e conhecimento. Em especial, passei a querer entender as relações que as trabalhadoras/trabalhadores ali atuantes desenvolviam e estabeleciam entre o seu fazer e a preservação do meio ambiente.

É importante expressar que percebo o papel de agente ambiental da catadora/catador e da recicladora/reciclador, pois possibilitam o impagável reaproveitamento de matérias-primas que, de outra sorte, seriam necessariamente extraídas da natureza para o nosso consumo. A sociedade deveria ser grata pelo fazer destas trabalhadoras/trabalhadores. Como retorno, é substancial que a sociedade se eduque para contribuir com a manutenção do meio em que vive e no qual convive com outras espécies. Igualmente é substancial que estas trabalhadoras /trabalhadores desenvolvam cada vez mais a consciência dos aspectos que relacionam seu trabalho à manutenção e preservação do meio ambiente, pois tais aspectos dão legitimidade social maior para a esse labor e o torna essencial para a sociedade. Tal entendimento justifica a busca por uma formação, para estes grupos, que integre a formação geral e profissionalizante incorporando a temática do meio ambiente. Assim, formulei a seguinte questão para a pesquisa: *Como a EA pode contribuir com a construção da base de um currículo de Educação de Jovens e Adultos integrado à Educação Profissional e voltado para catadoras/catadores e recicladoras/recicladores de resíduos sólidos?* Interessa-me refletir

⁶ FISCHER, MEYER e STEPHANOU, 2010 revelam que um dos entraves que essas trabalhadoras/trabalhadores encontram para retornar à escola é a falta de tempo por excesso de trabalho.

⁷ Ibidem revela que 60,6% das catadoras e catadores entrevistados manifestaram o desejo de complementar sua escolarização, em oposição a 38,9% que não desejam mais retomar os estudos. Tal desejo além de estar relacionado à vontade de ampliar conhecimentos pessoais e ajudar os filhos, entre outras, está relacionada à possibilidade de novas oportunidades de trabalho formalizado, não estando ligados ao campo da reciclagem (p104).

sobre questões inerentes ao campo de trabalho dos catadores/catadoras e recicladores/recicladoras de resíduos sólidos para colaborar com a elaboração de um currículo profissional, na perspectiva da formação integral, voltado para este público, com as contribuições da EA. O propósito é trazer elementos que contribuam para fundamentar a hipótese de que a EA amplia o entendimento do sujeito de si mesmo e de sua relação com o trabalho, com o outro, com o meio ambiente e com o mundo.

Deste modo, o presente trabalho tem os seguintes objetivos:

- Apresentar as especificidades do trabalho das catadoras/catadores e recicladoras/recicladores de resíduos sólidos
- Desenvolver conexões entre o trabalho das catadoras/catadores e recicladoras/recicladoras com o meio ambiente e EA.
- Verificar as possibilidades que a Política Nacional de Resíduos Sólidos – PNRS, Lei nº 12.305/2010, abre para a formação geral e profissional das catadoras/catadores e recicladoras/recicladores de resíduos sólidos.

2.1. METODOLOGIA

A direção metodológica que se tomou na primeira etapa desta pesquisa foi, em grande parte, proporcionada pelo grupo da ARERB e por pesquisas como as desenvolvidas pelos pesquisadores Nilton Bueno Fischer e Vinícios Lima Lousada, os quais desenvolveram suas reflexões na mesma associação. Estes pesquisadores demonstram em suas publicações referentes à ARERB a importância das narrativas obtidas a partir do convívio e da participação:

Parece-me necessário que aprendamos na prática investigativa com os grupos de reciclagem a procurar conhecer o contraditório, a complexidade da teia de sentidos e partilhas de elementos simbólicos, assim como o embate e complementaridade entre a rotina, o trabalho, o poético e o prosaico. Esses são aspectos do cotidiano da A. R. E. Rubem Berta que compreendo como passíveis de tradução (Santos, 2008) através da descrição densa (Geertz, 1978), da narrativa apoiada na observação participante como possibilidade metodológica para o campo da pesquisa em Educação Popular e Ambiental, dando conta de compreender alguns saberes e os desdobramentos dinâmicos da produção material e simbólica desse grupo social. (LOUSADA, 2009, p.129 -130).

Fischer (2009) nos encaminha a uma perspectiva de compreensão que se faz possível através da antropologia:

Na minha prática profissional e de inserção a contribuição da perspectiva antropológica e em particular a abordagem etnográfica é que foi salutar para a problematização daquilo que tinha como ancoragem em minhas fundamentações teóricas (FISCHER, 2009, p. 21).

Deste modo, a proximidade e a vivência concreta do cotidiano da associação deu suporte a esta etapa da pesquisa, numa perspectiva etnográfica. Seria uma ação equivocada adentrar em um meio que culturalmente se apresenta exótico aos olhos de quem o vislumbra pela primeira vez com ideias pré-concebidas ou certezas metodológicas advindas somente da teoria, sem dar chance ao sentir, ao inspirar e respirar o meio e as pessoas. Por este motivo vivenciei e experimentei o espaço-tempo da vida da associação, antes de tudo, mesmo que por um curto espaço de tempo. Assim, no ato de permitir-me experienciar para, então, refletir acerca das estratégias a serem adotadas, é que percebi que a metodologia a ser utilizada acenava para o aporte metodológico que a se aproximava de uma perspectiva etnográfica.

Neste sentido, segundo Malinowski (1990), em uma pesquisa etnográfica os resultados são obtidos por três vias de acesso, às quais o autor recomenda que seja dispensada grande atenção, assim como exaustivos e incansáveis esforços. São elas: *1. A organização da tribo e a anatomia (quadro sinótico) de sua cultura: método de documentação estatística mediante evidência concreta; 2. Os imponderáveis da vida real, o diário de campo; 3. Uma lista de declarações etnográficas, a exposição da cultura falada e acreditada.* Esses requisitos se constituem na base fundamental de uma pesquisa científica etnográfica séria, sem as quais se corre o risco de desperdiçar tempo e valiosos recursos para análises. Deste modo, o convívio assíduo e participante pautou os primeiros movimentos da pesquisa de campo e proporcionou o acesso à primeira via de acesso supracitada. O diário de campo foi o instrumento essencial que acompanhou a investigação do início ao fim e que concretizou a segunda via de acesso. A terceira via de acesso delimitada pelo autor citado foi sendo construída através de conversas informais nos mais diferentes momentos que constituíram o meu convívio com o grupo de trabalhadoras/trabalhadores da ARERB.

Assim, estabeleci a rotina de ir uma vez por semana à ARERB e trabalhar junto ao grupo na triagem dos resíduos. Além do convívio profissional, participei de eventos como aniversários, dia das mães, passeios como o realizado em comemoração ao dia das mães do ano de 2010, quando fomos à sede campestre do Sindicato dos Professores do Ensino Privado do Rio Grande do Sul (Sinpro/RS). Trabalhar juntamente com o grupo selecionando os materiais da mesma forma que as/os demais e participar do dia a dia da associação fez com que o diálogo e a interação tornassem-se instrumentos concretos de investigação.

O diário de campo, utilizado na investigação, se constitui em instrumento metodológico essencial para estudos de natureza etnográfica:

Uma parte expressiva no ofício do etnógrafo reside na construção do diário de campo. Esse é o instrumento que o pesquisador se dedica a produzir dia após dia ao longo de toda a experiência etnográfica. É uma técnica que tem por base o exercício da observação direta dos comportamentos culturais de um grupo social, método que se caracteriza por uma investigação que teve Bronislaw Malinowski como pioneiro e que perdura na obra de Marcel Maquet, caracterizada pela presença de longa duração de um pesquisador observador convivendo com a sociedade que estuda. (WEBER, 2009, p.157).

Na presente pesquisa, este instrumento foi construído seguindo critérios expressados por Malinowski, o qual define o convívio assíduo do pesquisador com o grupo estudado como o único meio legítimo de proceder cientificamente em uma pesquisa etnográfica.

O segundo movimento – posterior ao trabalho de campo – ficou centrado na compreensão dos dados produzido em campo, procurando estabelecer relações entre o cotidiano da associação de reciclagem (Rubem Berta) e os referenciais teóricos dentro da educação, na tentativa de compreender o trabalho, o dia a dia das trabalhadoras/trabalhadores deste local e de que forma a EA perpassa esse fazer, na intenção de refletir sobre a relação entre EA e as perspectivas de um currículo profissionalizante para estas trabalhadoras/trabalhadores. Deste modo, simultaneamente ao trabalho de campo, realizou-se levantamento bibliográfico de obras literárias, artigos científicos contemplando estudos sobre recicladoras/recicladores e catadoras/catadores de resíduos sólidos, questões ambientais, ética ambiental, educação popular, educação e trabalho e currículo integrado.

A segunda etapa da pesquisa, que não seguiu uma perspectiva etnográfica, se constituiu em visitas a outras duas associações de reciclagem da cidade de Porto Alegre: a Associação de Catadores e Recicladores da Vila Chocolatão (ACRVC) e o Centro de Triagem da Vila Pinto (CTPV). Nestas visitas informei o propósito das mesmas e solicitei visitas guiadas, onde algumas informações foram disponibilizadas de maneira natural (sem que houvesse pergunta) e outras foram obtidas através de perguntas pré-elaboradas (apêndice I). Solicitei permissão – documentada através do termo de consentimento informado e assinado (apêndice II) por três das quatro entrevistadas (os) – para realizar registros fotográficos e gravação do áudio das conversas. De maneira a preservar a identidade do entrevistado, no presente documento estarei utilizando nome fictício.

A justificativa da escolha de visitar o CTPV está na experiência de integração de um Centro de Educação Ambiental (CEA) ao cotidiano do trabalho que ocorre nesta associação. A escolha da ACRVC se deu em função de que, na época em que foram programadas as ações da pesquisa, esta ser a associação formada mais recentemente. Desta forma, me pareceu interessante observar uma associação em início de estruturação e funcionamento.

3 MARCO TEÓRICO: UM PERCURSO COMUNICATIVO ENTRE CAMPOS DA EDUCAÇÃO

A compreensão da dimensão “criadora da vida humana e, ao mesmo tempo, destruidora de vida do trabalho” (FRIGOTTO, 2002, p.12), a qual está presente no fazer de uma catadora/catador ou recicladora/reciclador de materiais sólidos, vai além da identificação e da sistematização dos procedimentos que ocorrem em uma associação ou cooperativa de triagem de resíduos sólidos. Requer a análise da constituição individual e social destas trabalhadoras/trabalhadores, dos seus saberes advindos das experiências e de técnicas, da relação que estabelecem com seu ofício e com seus colegas de trabalho e de que forma percebem que seu ofício se comunica com o contexto social e ambiental em que vivem. As complexidades destes entendimentos propõem eixos de conhecimentos que, inevitavelmente, requerem contextualizações históricas que abarquem a atual crise social e ambiental em que vivemos, principalmente quando o objetivo é colaborar com a construção de um currículo profissionalizante integrado à formação geral e que proponha a ampliação dos recursos críticos e analíticos.

Para tanto, o modelo curricular que indica esta perspectiva é o de Currículo Integrado, aquele preocupado com a socialização apropriada do conhecimento – a qual se espera que ocorra a partir de uma maior integração dos saberes escolares com os saberes cotidianos e do combate contínuo à hierarquia e ao dogma do conhecimento (Santomé, 1998, p.75). O entendimento de Currículo Integrado deste autor pretende superar o clássico modelo curricular por disciplinas por meio de outro, baseado na transdisciplinaridade. O mesmo define que transdisciplinaridade é um

[...] conceito que aceita a prioridade de uma transcendência, de uma modalidade de relação entre as disciplinas que as supere. É o nível superior da interdisciplinaridade, de coordenação, onde desaparecem os limites entre as diversas disciplinas e se constitui um sistema total que ultrapassa o plano das relações e interações entre tais disciplinas [...] (SANTOMÉ, 1998, p.74).

Ciavatta (2005, p.84) vai ao encontro da ideia de Currículo Integrado na perspectiva da transdisciplinaridade, pois percebe a integração curricular como possuidora de sentido e completude, partindo do entendimento das *‘partes no seu todo ou da unidade no diverso, isto é, de tratar a educação como totalidade social, nas múltiplas mediações históricas que concretizam os processos educativos’*.

Compreendo, assim, que estes sentidos atribuídos a Currículo Integrado proporcionam o início de uma aproximação com a EA e a perspectiva de formação profissionalizante para

catadoras/catadores e recicladoras/recicladores de materiais sólidos. Por esse caminho, Leff (2007, p.9) enfatiza que o grande desafio socioambiental hoje é, portanto, romper com a ideia de um pensamento único e unidimensional, orientado rumo a um “progresso sem limites”, que vem reduzindo, sufocando e superexplorando a natureza. Tal entendimento requer uma visão sistêmica sobre os processos desencadeadores da atual situação ambiental e social que estamos vivendo.

Deste modo, impõe-se a demanda por constituir elos que possam significar sensivelmente as aprendizagens de trabalhadoras/trabalhadores citados neste trabalho. Com este objetivo, Freire (1987) propõe uma educação problematizadora crítica, capaz de contribuir para desalienar, buscando partir da realidade existencial do aluno, pois:

O ponto de partida deste movimento está nos homens mesmos. Mas, como não há homens sem mundo, sem realidade, o movimento parte das relações homens-mundo. Dai que este ponto de partida esteja sempre nos homens no seu aqui e no seu agora que constituem a situação em que se encontram ora imersos, ora emersos, ora insertados. (FREIRE, 1987, p. 42).

Na intenção de concretamente colaborar com tal finalidade, foi preciso conhecer e compreender algumas das diferentes interfaces e realidades vividas por estas trabalhadoras/trabalhadores. Devido à demanda supracitada, inicialmente percorri os rastros deixados por pesquisadores que desenvolveram estudos e ações com associações, cooperativas e catadoras/catadores de resíduos sólidos autônomos.

Esta investigação resultou em uma forma realista, ordenada, histórica e processual de entender a realidade dessas trabalhadoras/trabalhadores para evitar, como bem pontuou Fischer (2006, p. 136), um “olhar externo e, possivelmente, fundamentado em teorias reducionistas” e ceder a explicações simplistas e apressadas sobre o cotidiano de trabalho em associações e centros de triagem de resíduos sólidos. Louzada (2008) contribui imensamente com o delineamento do campo de pesquisa, a partir da descrição densa de sua vivência como pesquisador na ARERB. Os relatos reflexivos deste pesquisador revelaram um meio onde as “tramas e manhas” (ibidem, p.5) da profissão se convertem em categoria de análise, por se tratarem de elementos que permitem entender como ocorrem as articulações do processo que transforma o rejeito do consumo em “ganha pão”. Da mesma forma, permitem desenvolver o entendimento de como estes sujeitos históricos entrecruzam suas histórias e produzem outras tantas histórias coletivas que comunicam a luta diária. O “Relatório Final do Estudo do Perfil Sócio-Educacional da População de Catadores de Materiais Recicláveis Organizados em Cooperativas, Associações e Grupos de Trabalho” (2010) também disponibilizou elementos

para a ampliação da construção da compreensão dos grupos de trabalhadoras/trabalhadores presentes nesta monografia.

Todavia, o embasamento teórico que relaciona EA, trabalho e Educação Popular principia no entendimento do nosso momento histórico, o qual apresenta uma complexa e predatória relação entre a nossa sociedade e a natureza. Esta relação estabelece uma lógica perversa onde consumir é sinônimo de bem-estar – um bem-estar sintético extremamente potente, potencializado por discursos no qual o poder se pronuncia através do consumo exacerbado.

Segundo Leff (2009, p.18), “a crise ambiental é uma crise da razão, do pensamento, do conhecimento”. Este autor localiza na nossa racionalidade e na objetividade das ciências um entrave que é superado por um novo saber, o ambiental. A partir deste novo saber podemos apreender sentidos retirados do trabalho, do compartilhar e do aprender com e no coletivo, estabelecendo relações entre esses. Assim, o saber ambiental propõe que seja entendido que nós não apenas nos comunicamos com o meio ambiente, mas o constituímos.

O trabalho em uma associação ou cooperativa de reciclagem adquire, nessa perspectiva, funções para além do simples uso e/ou venda da própria força de trabalho, adquire a dimensão criadora de vida (FRIGOTO, 2002, p. 12) quando proporciona a subsistência do grupo a partir do processo de separação dos resíduos sólidos que possibilita que estes sejam reciclados. Entretanto, o trabalho também adquire a dimensão destruidora de vida (Ibidem), que é produzida pela desvalorização deste trabalho e destas trabalhadoras/trabalhadores, o que culmina em padrões sub-humanos de vida em função da baixa remuneração e das péssimas condições de trabalho. A demanda é a da legitimidade de um fazer que ninguém quer fazer, mas que implica na vida do coletivo e o ameaça.

No meandro das relações de trabalho em uma associação ou cooperativa de reciclagem, a educação e a formação para o trabalho se entrelaçam e saltam ao olhar. Fischer (2009, p.21) contribui com a estruturação de um pensamento sobre as relações entre a EA e o trabalho desenvolvido em uma associação de reciclagem ao propor uma reflexão que situa seu princípio na Educação Popular, mas que se expande para a EA. Segundo o mesmo autor, a correlação entre tais campos de atuação pedagógica está no que Freire (1987) chamou de *intercomunicação*; conceito que comunica precisamente um fator primordial para que aconteça o conhecimento. A partir da intercomunicação se abre espaço para a integração dos saberes oriundos da vivência individual e coletiva e desemboca na compreensão do indivíduo sobre a sua relação com o meio ambiente social e natural, o que propõe o desenvolvimento de

estratégias de ensino e aprendizagem que disponham de elementos significativos e problematizadores.

[...] somente na comunicação tem sentido a vida humana. [...] o pensar do educador somente ganha autenticidade na autenticidade do pensar dos educandos, mediatizados ambos pela realidade, portanto, na intercomunicação. Por isto, o pensar daquele não pode ser um pensar para estes nem a estes imposto. Dai que não deva ser um pensar no isolamento, na torre de marfim, mas na e pela comunicação, em torno, repetamos de uma realidade. (FREIRE, 1987, p. 37).

Assim, a experiência do trabalho possibilita significar aprendizagens e ampliar horizontes, principalmente dentro de um coletivo que transcende a lógica de acumulação de um por meio da exploração do trabalho de outros. É preciosa esta observação, pois torna possível perceber que o trabalho associado transcende não idealmente, mas substancialmente, a lógica perversa do capitalismo, pois propõe não a acumulação, mas a divisão e a partilha entre quem faz. É por esta razão que meu olhar capta sentidos que alinhavam dois processos essenciais que se distinguem e se confundem: a inclusão e a exclusão – duas faces do trabalho. A inclusão se dá por meio da renda gerada, que possibilita ao sujeito manter a si e à sua família, mesmo que minimamente. Também o sujeito passa a integrar um meio social no qual existe a identificação e o compartilhar, que vão do ato de dividir um chocolate achado em meio aos resíduos sólidos até o cuidado com os filhos do outro: o colega, o amigo. A face que exclui passa pelo que Fischer (2006, p.133) chamou de “condição de subalternidade”, constante na categoria profissional aqui trabalhada, por carregar consigo o estigma da segregação social produzida “em uma sociedade em que a maioria, mediante seu emprego, tem sua inserção social relacionada ao local que ocupa na escala salarial” (FRIGOTTO, 2002, p. 21). Com base nessa lógica, a trabalhadora/trabalhador atuando como recicladora/reciclador de resíduos sólidos ocupa, na cadeia produtiva capitalista, o mesmo lugar da matéria-prima de seu trabalho:

Assim, o lugar de segregação se constituiu tanto para o lixo, que “deve sair do alcance dos olhos e do nariz, perdendo a visibilidade”, como para as catadoras (mulheres, migrantes, excluídas do sistema formal de produção e consumo como consequência do processo de desenvolvimento social, marginalizadas no território da cidade, inseridas no sistema informal de produção e, ainda mais, trabalhando com o lixo — objeto desprezado pela cidade. (FISCHER, 2008, p.173).

O autor salienta a relação entre a baixa remuneração da categoria profissional e o reconhecimento do trabalho:

Através da remuneração se dá o reconhecimento do trabalho, da atividade humana. Essa remuneração indica que a sociedade ainda não dimensionou essa realidade, não tem os elementos para uma atitude mais compreensiva da condição em que

(sobre) vivem os trabalhadores, homens e mulheres, das unidades de reciclagem. (FISCHER 2006, p. 133).

Esse viés revela não só que a sociedade desvaloriza tal labor, por desconhecimento ou por preconceito, mas demonstra que o ser humano se afasta cada vez mais da noção de ser parte de um todo constituído por teias de relações, das quais é totalidade e parte. Esta noção de pertencimento é chamada por Morin (1999) de "antropo-ética":

A antropo-ética compreende, assim, a esperança, na completude humana, como consciência e cidadania planetária. Compreende, por conseguinte, como toda ética, aspiração e vontade, mas também aposta no incerto. Ela é consciência individual além da individualidade. (MORIN, 1999, p. 106).

Essa perspectiva apresentada pelo autor explica a emergência da consciência a partir do entendimento de que “indivíduo/ sociedade/ espécie são não apenas inseparáveis, mas coprodutores um do outro” e, por conseguinte, “significa desenvolvimento conjunto das autonomias individuais, das participações comunitárias e do sentimento de pertencer à espécie humana” (ibidem, p.105). Assim, através da ideia antropo-poética se pode perceber uma associação ou cooperativa de triagem/reciclagem de resíduos sólidos como potencial espaço de renovação, de esperança, de convergência entre o coletivo, o ambiental e a consciência. Neste sentido, é interessante pensar tais espaços enquanto inseridos em contextos que apresentem elementos suficientes para entender processos como produção e consumo – e como estes se relacionam com a natureza (englobando todos os elementos bióticos e abióticos que a constituem). Esta lógica elabora a apreensão do homem como parte da natureza, do meio ambiente social e natural. Para a construção deste entendimento, a educação é parte integrante, desde que a mesma seja instrumento de ampliação de horizontes e ferramenta de lapidação da realidade.

3.1. MARCO POLÍTICO: POLÍTICA NACIONAL DE RESÍDUOS SÓLIDOS: UMA CONQUISTA PARA A ESPERANÇA

A invisibilidade social que historicamente caracterizou catadoras/catadores e recicladoras/recicladores começa a mudar a partir do processo de luta que despontou da formação do Movimento Nacional dos Catadores de Materiais Recicláveis, os quais são grandes motivadores e articuladores da atual Política Nacional de Resíduos Sólidos (PNRS), Lei nº 12. 305/2010. Esta política nasce com a intenção de criação de uma regulamentação que possibilite a regulação dos resíduos sólidos e propõe harmonia entre as Políticas Nacionais de Saneamento e Saúde, Meio Ambiente e Recursos Hídricos.

Por este ato legal se inaugura uma nova perspectiva de atenção ao meio ambiente e a esses grupos de trabalhadoras/trabalhadores, pois se estabelece uma nova visão sobre o tratamento do lixo no país. Para tanto, o mesmo propõe apoio aos municípios no encerramento dos lixões e na destinação dos rejeitos aos aterros sanitários, incentivo aos municípios na implantação da coleta seletiva, da reciclagem e da logística reversa; além de estimular políticas que visem à inclusão social e produtiva das catadoras/catadores de materiais recicláveis.

A inclusão social e produtiva é o objetivo do Programa Pró-Catador, o qual surge com o Decreto nº 7.405/10, sob a égide da PNRS. O Programa pretende, entre outras medidas, viabilizar a formação para trabalhadoras/trabalhadores, o que se espera que indique a criação de programas de alfabetização, de elevação de escolaridade, de capacitação para o trabalho – por meio de qualificação profissional – e de certificação. Este panorama leva a crer na possibilidade de implantação de cursos para este público específico e justifica a relevância da discussão sobre o currículo que se pretende desenvolver, embora não haja ainda estudos específicos sobre este decreto.

4 OS MOVIMENTOS COLETIVOS E COTIDIANOS: O TRABALHO NA RECICLAGEM COMO POSSIBILIDADE SOBREVIVÊNCIA E RESISTÊNCIA

Neste capítulo apresentarei as três Associações de triagem e reciclagem da cidade de Porto Alegre nas quais desenvolvi minhas observações: Associação de Reciclagem Ecológica Rubem Berta (ARERB), Associação de Catadores e Recicladores da Vila Chocolate (ACRVC) e Centro de Triagem da Vila Pinto. Estar nestes espaços coletivos de trabalho me possibilitou compreender a complexidade das intersecções entre o trabalho desenvolvido em uma associação e a demanda da sociedade por procedimentos que visem a sustentabilidade ambiental. Tais intersecções elaboram e compõem esta área de atuação profissional. Saliento que cada um dos espaços que conheci apresenta especificidades próprias, que a seguir serão apresentadas. As etapas do trabalho das associações, porém, são as mesmas, sendo estas desempenhadas com algumas diferenças em nível organizacional. Todavia, possuo o conhecimento de que algumas associações da cidade de Porto Alegre fazem o beneficiamento de alguns materiais, como a moagem de plástico e do vidro, para elevar ganhos. As três associações pesquisadas, porém, não o fazem; fato que torna suas etapas produtivas idênticas. Deste modo, com o objetivo de trazer elementos que ajudem o leitor a visualizar o espaço de trabalho de uma associação de reciclagem de resíduos sólidos, passo a descrever brevemente,

por meio de imagens⁸, as etapas do processo de triagem de resíduos sólidos, bem como alguns termos utilizados:



Figura 1: primeira etapa: recepção do material

Fazer a recepção dos resíduos sólidos encaminhados pelos caminhões da prefeitura, que procedem à coleta seletiva da cidade, ou de empresas que doam seus resíduos diretamente às associações, consiste na primeira etapa do trabalho. Primeiramente, os caminhões chegam e descarregam os resíduos, jogando-os do caminhão – que fica estacionado na parte externa da associação – para dentro do prédio. O material cai em uma estrutura de cerca protegida por arame, chamada de cesto (Imagem 2). O cesto é utilizado para estocar os resíduos antes de serem triados (separados). Invariavelmente, acabam caindo resíduos no pátio, no momento em que são projetados para o interior do prédio. Deste modo, faz parte do processo recolher os resíduos que caem pelo pátio e encaminhá-los ao cesto.



Figura 2: Segunda etapa: Triagem (separação) dos resíduos sólidos

A segunda etapa é chamada de triagem. Nesta etapa é realizada a separação dos resíduos sólidos em bancada individual, em mesa coletiva ou ainda na esteira que fica localizado ao lado do cesto. Na imagem 2 podemos observar o cesto e o trabalho sendo desenvolvido em uma mesa coletiva. O trabalho desta etapa consiste na classificação dos materiais potencialmente recicláveis – conforme as famílias de materiais recicláveis – dos que

⁸; Fotografias: acervo pessoal.

não possuem valor para serem comercializados. Deste modo, são dispostas *bombonas* (tonéis) para a separação de cada família de materiais e do rejeito (parte não comercializável dos resíduos que são encaminhados aos aterros sanitários). Durante este processo, são designadas trabalhadoras/trabalhadores para encaminhar o material já reciclado para os *box* (cercados onde são dispostos os materiais antes da prensagem, imagem 3).



Figura 3: Terceira etapa: Acondicionamento pré prensagem

Nesta etapa, os materiais já separados são encaminhados para os *box*, os quais são estruturas cercadas e divididas, as quais evitam que os materiais já triados e reunidos venham a se misturar novamente.



Figura 4: Quarta etapa: Prensagem

A quarta etapa consiste em encher a prensa de material, acionar a alavanca da prensa, amarrar os fardos, tirar cliques de papéis, tirar espirais de cadernos, tirar rótulos de embalagens plásticas e ensacar o material (alumínio, plásticos).



Figura5: Quinta etapa: Acondicionamento pós-prensagem

O acondicionamento pós-prensagem é a quinta e última etapa do processo de trabalho; após essa, o material já está pronto para ser comercializado. Tal etapa consiste em encaminhar os fardos e os materiais ensacados para o lugar destinado à estocagem.

Todavia, Fischer (2006) salienta que, paralelamente à dinâmica produtiva de triagem e reciclagem, nos espaços de triagem e reciclagem também se processa o compartilhar de projetos pessoais e coletivos que confluem entre si, identificando desde as origens precárias de miséria e falta de oportunidades, até as novas perspectivas de luta, de trabalho e de uma vida melhor. É nestas interseções que se produzem aprendizagens, pois:

É no emergente dessa prática social que se formam homens e mulheres e se criam novos conhecimentos sobre a condição humana e também se criam desafios concretos ao modelo de sociedade vigente em todas as suas formas de expressão: política, partidária, ecológica e de gestão pública (FISCHER, 2006, p.136).

Assim, ao descrever cada um dos espaços de trabalho visitados, espero evidenciar a construção de identidades coletivas, geradas a partir do reconhecimento de um fazer que possibilite às trabalhadoras/trabalhadores aprender, conviver e se solidarizar um com o outro e com o meio ambiente. Por este caminho, é possível conceber tais espaços como ambientes educativos, onde o trabalho faz a mediação entre ser humano e natureza e entre conhecimentos da vida. Entretanto, a precária escolarização e o distanciamento de bens culturais como museus, cinemas, teatros, entre outros – algo imposto às trabalhadoras/trabalhadores pelo sistema econômico excludente em vivemos –, muitas vezes implicam em limites à reflexão sobre a relação do trabalho em associações de triagem e reciclagem de resíduos sólidos com o meio ambiente. Estas são algumas das dicotomias que estão postas no âmbito do trabalho de catadoras/catadores e recicladoras/recicladores.

4.1. ASSOCIAÇÃO DE RECICLAGEM ECOLÓGICA RUBEM BERTA - ARERB

Estive acompanhando o trabalho na ARERB durante um ano e meio, entre março do ano de 2010 e junho de 2011. Por este motivo, foi esta a associação que expandiu minha compreensão sobre os processos de trabalho em um galpão de triagem e reciclagem e que me possibilitou conhecer a realidade em que vivem as trabalhadoras/trabalhadores ali em atividade. Entretanto, durante o relato sobre a associação não trago perguntas feitas em campo nem comentários registrados no diário de campo, o que trago à apreciação é a sistematização dos registros do diário de campo, para possibilitar uma visão geral desta associação; pois, como acompanhei suas atividades por um período razoável, sinto-me apta a fazê-lo.

A ARERB iniciou suas atividades em 1993, após a iniciativa do então prefeito municipal de Porto Alegre, Olívio Dutra de reassentar populações que viviam em áreas de risco. As famílias da “Vila Tripa”, que se localizava na zona norte da capital, foram removidas e reacomodadas próximo ao conjunto habitacional popular do Bairro Rubem Berta; Fischer (2006), em seu artigo intitulado *Trabalho e autonomia. Construção do possível entre os trabalhadores, homens e mulheres, recicladores da Associação Ecológica Rubem Berta de Porto Alegre (RS)*, apresenta uma retrospectiva histórica importante para a compreensão da formação da ARERB. O texto nos remete para um galpão simples de madeira de costaneira, o qual abrigava um número expressivo de trabalhadoras/trabalhadores:

Além da população transferida de outras regiões da cidade, foram sendo incorporadas pessoas que moravam perto do local, mantendo uma média de 40, 50 pessoas trabalhando dois turnos e com ganhos baixos, aquém de 1 salário mínimo. (FISCHER 2006, p. 131).

Ainda segundo Fischer (ibidem), no início das atividades houve a presença de agentes de mediação com experiência no campo popular, os quais foram determinantes para a organização e o início da associação. Os religiosos da Ordem dos Irmãos Maristas, além de fazer a mediação com a comunidade, cederam o local para a construção do galpão e construíram uma Capela no local, esta destinada a celebrações religiosas e encontros de formação e assembléias da associação. Desta maneira, “foram sendo criadas instâncias de auto-organização a partir da prática de assembléias gerais mensais para as deliberações da dinâmica do mundo do trabalho, do associativismo e de práticas administrativas [...]” (ibidem, p. 131).

Atualmente conveniada com o DMLU, a ARERB é fonte de renda para mais de trinta pessoas, sendo que a maioria é composta por mulheres, uma vez que, historicamente, esta associação caracterizou-se por proporcionar trabalho para estas chefes de família. Diferentemente do perfil do grupo de trabalhadoras/trabalhadores do início das atividades, então composto por pessoas que trabalhavam na rua (carrinheiros, papeleiros); o grupo atual se constitui, na sua maior parte, por desempregados, ex-empregadas domésticas e donas de casa. O trabalho na associação compõe um movimento amplo, que traz benefícios não só para o grupo de ação, mas também para toda a sociedade, pois nele é desenvolvido um projeto de autossustentabilidade. Uma parcela da grande quantidade do lixo seco produzido pela cidade de Porto Alegre é enviada para a ARERB, onde os materiais coletados são classificados, beneficiados, armazenados e, posteriormente, comercializados; menos com indústrias do que

com intermediários, sendo todo o rendimento proveniente da venda revertido em ganhos que, mensalmente, são partilhados entre as associadas/associados.

Podemos dizer que, além de proporcionar um trabalho honrado, se verifica na associação um movimento no terreno da construção de uma identidade de grupo, no sentido do companheirismo, da proteção, das histórias que, em dado momento, se entrecruzam, do amor identitário, da união perante um mundo nem sempre compreensivo e justo. O sofrimento e a batalha, bem como a felicidade por pertencer a um grupo acolhedor, onde o indivíduo torna-se unidade na sua subjetividade, se projetam como fator preponderante da união que, em última análise, reúne e congrega.

Tendo por base os princípios do associativismo, a ARERB não assegura direitos trabalhistas como INSS, FGTS, férias e 13º salário. Entretanto, existe um sistema de solidariedade desenvolvido entre as associadas/associados, que se auxiliam quando alguém adoece ou sofre um acidente de trabalho, provendo o pagamento desta pessoa mesmo que esta não trabalhar; porém, a falta deve ser justificada.

Fischer (2006) afirma que a média de lixo coletada pela prefeitura para as associações e cooperativas conveniadas está visivelmente reduzida em relação ao que era recolhido no final dos anos 90 na cidade de Porto Alegre. Segundo o pesquisador, tal fato se explica em razão de a cidade contar com um número expressivo de carroceiros e carrinheiros autônomos, que recolhem o lixo antes dos caminhões da prefeitura e das ações da iniciativa privada que contratam os serviços destes trabalhadores autônomos.

Porto Alegre tem um enorme número de carrinheiros que circulam na cidade e se abastecem dos lixos já previamente classificados e destinados, aos caminhões da coleta seletiva do município (chegam antes do caminhão em cada região da cidade, e, com isso, diminui a quantidade destinada para as unidades de reciclagem). Além disso, a iniciativa privada começou a afetar esse mercado através da contratação de serviços de proprietários de pequenos caminhões, camionetas e mesmo carroças que coletam o material antes dos caminhões da Prefeitura. A média de 60 toneladas por dia, do final dos anos 90, agora está num processo de diminuição devido à 'antecipação' da coleta por parte desses intermediários. (FISCHER 2006, p. 133).

Faltar material para o trabalho é algo comum na ARERB. Durante o período em que estive acompanhando o grupo, tal situação ocorreu diversas vezes. Houve uma semana em setembro de 2010 em que não houve a entrega de materiais. Recordo-me do cesto vazio e das trabalhadoras/trabalhadores sentadas em volta do galpão, com a preocupação estampada na cara. Eram dias tristes, em que o desânimo tomava conta, pois a falta de material para trabalhar tem relação direta com os ganhos gerais da associação. Este cenário vem provocando a queda do número de associadas/associados, bem como dos ganhos das

trabalhadoras/trabalhadores desta unidade de reciclagem. Fischer (2006, p.3) observa que a queda de materiais enviados à ARERB está também relacionada ao aumento do número de associações de triagem e reciclagem de resíduos sólidos na cidade.

Entre os anos de 2005 e 2008 houve uma parceria UFRGS/ARERB, por meio do projeto de Extensão Universitária coordenado por Nilton Bueno Fischer, intitulado *Reciclando vida*. Segundo Lousada (2009) esse projeto se inspirou nas contribuições combinadas das seguintes áreas do conhecimento: Educação Popular, Economia Popular e Solidária e EA. Essa ação gerou aproximação entre os agentes envolvidos no processo da triagem dos resíduos sólidos, os alunos e os professores da UFRGS, interligando em uma teia pessoas e processos, produtores e processadores desta matéria-prima. O projeto se desenvolveu através de oficinas e promoveu o:

[...] fortalecimento socioeconômico da reciclagem e oportunizando a elaboração de novas tecnologias de gestão e produção de forma orientada e assessorada, procurando proporcionar, dessa forma, uma melhoria significativa na qualidade de vida dos recicladores, a partir dos ganhos, gerando benefícios socioambientais. (LOUSADA, 2009, p.130).

Ao narrarem esse projeto, as trabalhadoras/trabalhadores me inspiraram a elaborar as primeiras reflexões sobre as potencialidades da mescla entre a educação popular e a ambiental. A percepção que tive do entusiasmo com que me comunicavam suas experiências me fez perceber que se tratou de uma ação educativa promotora de acesso, por parte do grupo, a formulações sobre a importância do trabalho na ARERB. A educação e o trabalho puderam ser vistas como possibilidades concretas e acessíveis. Cumpre ressaltar que durante o projeto *Reciclando Vidas* o espaço de trabalho foi literalmente transformado em espaço educativo, pois as oficinas realizadas eram desenvolvidas em concomitância com o tempo de trabalho, utilizando os próprios recursos da associação para efetivar as ações educativas. Esta ação estimulou um novo olhar das trabalhadoras/trabalhadores sobre o próprio labor, por estes verem o mesmo ser valorizado e reconhecido. Neste sentido, recordo-me de uma associada declarar ter percebido que o trabalho na reciclagem era importante, porque, se não o fosse, não haveria tanta gente envolvida com o galpão. As lembranças desta ação educativa na ARERB estão também na memória de muitos alunos e professores da Faculdade de Educação da UFRGS, lugar onde trabalham e estudam muitos dos atores envolvidos na citada ação. Entendo esta última como uma interação ambiental, uma vez que a mediação proporcionada pela união provocava uma oportunidade dialógica com o potencial de inserção e de acesso às realidades que circundam os ambientes, tanto o da Faculdade quanto o da Associação. Esta

interação possibilitou que a associação fosse conhecida no meio acadêmico e que, posteriormente, fosse escolhida como campo para esta pesquisa.

Quando conheci a associação, logo após o falecimento do Prof. Dr. Nilton Bueno Fischer, no ano de 2009, muitas associadas/associados me falavam sobre o temor de serem esquecidas (os), pois as ações do projeto *Reciclando vida* proporcionavam um sentimento de serem vistas (os), lembradas (os) e reconhecidas (os), pelo fato de que, naquela época, muitas pessoas passaram a fazer parte do cotidiano da associação.

Em 2010, quando passei a desenvolver a pesquisa na ARERB, a associação contava com trinta e quatro membros, dos quais trinta eram mulheres e quatro eram homens. Estas pessoas trabalham diariamente por sete horas no galpão, descontando uma hora e meia para o almoço e dois intervalos de meia hora, um no turno da manhã e outro no turno da tarde. A maioria mora ou já morou nas imediações da associação. O deslocamento para este local de trabalho é feito a pé e muitas chegam acompanhadas de colegas vizinhas, que são, muitas vezes, também parentes ou “aparentadas”. As relações entre os membros da associação ultrapassam o trabalho e são anteriores às suas ocupações neste local. Todas e todos fazem parte do mesmo círculo social e se conhecem e, por esta razão, trabalham neste lugar – ninguém ali se conhece em consequência de estar trabalhando na associação⁹. Tal constatação se faz substancial por desenhar relações que, mesmo não sendo genéticas, são familiares. A ARERB é, de certo modo, o lugar onde as trabalhadoras/trabalhadores podem ajudar a si e aos seus, na perspectiva de que a soma de seus esforços, o trabalho e o compartilhar de experiências e aprendizagens possam abrir caminhos para obterem melhores condições e vida.

No cesto, estando as trabalhadoras/trabalhadores reunidas em uma bancada coletiva, pode-se observar o trabalho sendo desempenhado de forma mecânica, porém entremeado por muitos bate-papos e momentos de descontração, onde piadas podem ser ouvidas, assim como brincadeiras, histórias do dia a dia familiar, reclamações, cantos e até mesmo alguns desentendimentos pessoais. É neste local, também, que ocorre a aprendizagem do trabalho desenvolvido na associação, a qual é realizada de maneira informal e acontece no contato entre os atores sociais ali envolvidos e nas necessidades que vão se impondo à medida que entra um novo associado, ainda ignorante do trabalho ali desenvolvido.

⁹ O relatório (op.cit, p.87) idica quais aspetos que contribuem com a inserção na atividade de catador e reciclador de materiais sólidos: proximidade das associações do local de residência; a flexibilidade das relações de trabalho (horários a cumprir, dispensas, entre outros), que possibilita cuidado e acompanhamento dos filhos e da família; e a presença de amigos e familiares nesta atividade, abrindo caminho que essa inserção no ramo de trabalho, se dê de forma individual ou coletiva (através das associações). Neste sentido influencia também o fato do trabalho com reciclagem não estabelecer critérios/requisitos como idade, escolaridade, condicionamento físico, “boa aparência”, residência fixa, entre outros, surgindo como alternativa de trabalho em casos de extrema precarização da condição social dos sujeitos.

Nos intervalos para os lanches, pela manhã e à tarde, há uma interação maior entre os membros do grupo. Não raro há a presença de crianças: filhos, netos e sobrinhos das associadas/ associados, que vão ao encontro de seus parentes como se estivessem em um prolongamento de suas casas. Ao lado da Associação situa-se a Creche Marista Renascer mantida pelo Centro Social Marista (CESMAR), instituição que recebe a maioria dos filhos pequenos das associadas/ associados, atraídas (os) tanto pela comodidade proporcionada pela proximidade do local de trabalho quanto por seus horários estarem em consonância com os horários da associação. Muitas vezes a creche é fator crucial para a permanência e a manutenção das mulheres trabalhando nesta ocupação.

O ambiente insalubre do galpão ocasiona muitos problemas de saúde, tais como gripes, pneumonias, doenças dermatológicas (infecções nas mãos, pés, cabeça) e verminoses, entre outros. No entorno do galpão nos deparamos com esgoto a céu aberto e resíduos orgânicos descartados sem maiores cuidados, tanto pelo grupo quanto pela população da região. Entretanto, não há preocupação com a segurança no trabalho e o uso dos equipamentos de proteção individual (EPI); a maioria não utiliza luvas, somente as usa quem quer e quando há luvas para serem utilizadas. Igualmente não são utilizadas roupas ou botas adequadas para que as pessoas se preservem da contaminação – que é iminente, visto que a sociedade em geral, seja por desconhecimento ou por simplesmente não importar-se com o destino que é dado para seu lixo; envia para a coleta seletiva resíduos altamente infectantes, tais como papéis higiênicos, seringas, fraldas descartáveis, restos de carne, entre outros.

Não há técnicas sofisticadas para desempenhar o serviço de separar os materiais. As trabalhadoras/trabalhadores utilizam o conhecimento que adquiriram – sendo este relativo apenas aos materiais que são comercializados –, distinguindo a diferença entre os materiais rentáveis e o rejeito a partir de cores e sons que estes emitem ao serem manipulados. O critério para a seleção é o maior ou menor ganho que advém da venda. A falta de conhecimento técnico apropriado para separar outros materiais que também poderiam ser comercializados faz com que muitos materiais de potencial rentabilidade acabem sendo descartados. Por outro lado, a pouca atenção dispensada pelo poder público a materiais contaminantes e radioativos como medicamentos e pilhas, por exemplo, faz com que tais resíduos nocivos a saúde e não comercializáveis cheguem à associação. As trabalhadoras/trabalhadores não possuem orientação sobre como proceder em relação a esses resíduos e os encaminham ao rejeito, ou, no caso de medicamentos, podem até mesmo ser consumi-los. Em uma das ocasiões em que trabalhei no cesto propus que separássemos as

pilhas que achássemos para que eu as levasse a um posto de recolhimento, mas a ideia não foi bem recebida, visto que seria um material a mais para separar.

Com facilidade notamos que há aprendizados não adquiridos em função dos baixos níveis de escolarização – a maior parcela das associadas/associados possui uma breve passagem pela escola, em média cerca de apenas quatro anos. Estes dados específicos das associações são condizentes com os dados do Relatório Final do Estudo do Perfil Sócio-Educacional da População de Catadores de Materiais Recicláveis Organizados em Cooperativas, Associações e Grupos de Trabalho (2010).

[...] a escolaridade média dos catadores centra-se em duas faixas: 33,68% entre a 1ª e 4ª série, e 41,45% entre 5ª a 8ª série e apenas 15,54% no ensino médio. Os não-alfabetizados encontram-se na faixa de 10% (9,33%). Contudo, apenas 11,92% declaram ter estudado até a 4ª série e apenas 15,54% estudaram até a 8ª série. Somando-se os dados entre “não alfabetizados” e 4ª série, encontramos uma taxa de 43% com uma escolaridade situada nos anos iniciais do ensino fundamental, o que aponta para experiências de exclusão, afastamento e precarização da escola. (FISCHER, MEYER, STEPHANOU, 2010, p. 63).

Entretanto, a escolarização, por si só, não atrai as trabalhadoras/trabalhadores, em função de suas experiências escolares anteriores não lhes terem fornecido sentidos necessários ao estímulo para voltar. Além disto, a longa jornada de trabalho no galpão, a necessidade de cuidar da família e o formato curricular, com aulas diárias e horários impraticáveis, impossibilitam o retorno à escola– conforme informa o relatório supracitado.

Estas trabalhadoras/trabalhadores também estão expostos às fragilidades estruturais do galpão, que é um lugar úmido, com problemas de saneamento e sob risco de acidentes elétricos, em função da falta de manutenção do prédio. No início do ano de 2011 houve um grande incêndio que liquidou cesto, telhas e material estocado – este pronto para a comercialização. Os consertos em função do incêndio exigiram uma reorganização produtiva, mas não impediram que o trabalho continuasse, mesmo sem perspectivas de ganhos. A ARERB estava endividada e dependia da venda do material queimado no incêndio. Recordo-me de que, na época, houve desespero, pois havia a provisão de uma forte queda nos ganhos, o que comprometeria a partilha.

É importante ressaltar que mesmo sem ocorrer uma tragédia, a partilha – que ocorre no final de todos os meses – não possibilita o sustento mensal de trabalhadoras/trabalhadores. É neste contexto que ocorre uma espécie de seleção individual: são separados materiais à parte

do montante da Associação e os comercializados de forma particular quando encontram compradores¹⁰.

As redes de comercialização que se organizam envolvem atravessadores, que acabam por ter um ganho superior ao obtido pela ARERB. Neste sentido, pode-se dizer que há uma valorização dos materiais ao saírem da associação. O problema é que o desconhecimento do destino dado aos materiais vendidos impede o grupo de supervisionar diretamente seus ganhos e perdas, assim como a falta de conhecimento e a pouca habilidade para negociar com novos compradores impossibilitam a comercialização direta com o mercado que consome sua produção.

Segundo registros feitos durante a pesquisa, nenhuma associada ou associado se sentia habilitado a gerenciar as contas da associação nem estava informado sobre a movimentação financeira da mesma. Isto porque (segundo as respostas dadas, ao serem indagadas em situações informais) não possuem conhecimentos sobre contabilidade ou informática, os quais se configuram em ferramentas indispensáveis à efetuação de tais tarefas. A maneira com que a associação tem lidado com suas finanças, diante de tais limitações, é buscando a ajuda de terceiros – solução que já lhe custou transtornos como desfalques, ocasionando problemas bancários, atritos com o DMLU e mesmo a diminuição dos valores da partilha, para que fossem sanadas as dívidas.

As relações que as trabalhadoras/trabalhadores fazem do seu trabalho com a preservação do meio ambiente é clara. Entendem que seu trabalho está associado ao manejo dos resíduos sólidos, que podem vir a ser reciclados com o objetivo de preservar a natureza. Mas, conforme pesquisadores têm refletido, a consciência ambiental é limitada.

Visualizamos, ademais, que os recicladores reproduzem discursos usuais às práticas do campo, apropriando dizeres genéricos acerca da relevância da reciclagem para o planeta e para a sociedade. Referem quando necessário um arcabouço de conhecimentos aprendidos no trabalho, mas sem que percebamos pertencimento ou uma interação significativa com o que discursam: a alusão à importância da dimensão ambiental é instaurada como estratégia circunstancial, uma instrumentalização de noções presentes num espaço. (LISBOA, PINHEIRO, AMARAL & CARGNIN, 2009, P. 108).

Para as associadas/ associados, o principal objetivo do seu trabalho é a subsistência, é ter feijão e arroz no prato. Nada é mais legítimo, do ponto de vista humano, do que tal posição. Somente quem experimentou as privações dos direitos básicos como direito à

¹⁰ Lousada (*Educação e Realidade* 34, n3, 2009) observou e descreveu esses movimentos individuais, os quais o autor pesquisador nomeou de “garimpo”.

alimentação, à saúde e à moradia sabe o que é viver na extrema miséria. Entretanto, pesquisadores da ARERB afirmam que:

Ao apropriar saberes desde as condições objetivas de ingresso e permanência que o campo ambiental lhes oportuniza, esses sujeitos constroem sua leitura do espaço e de sua prática desde as insuficiências que o ambiental lhes representa, interpondo tomadas de posição a constituir o lócus desde a precariedade, a transitoriedade e a impossibilidade de uma crítica efetiva sobre as contradições que perfazem suas atividades, na manutenção de um sistema de produção e consumo exploratório e insustentável. (IBDEM, p. 108).

Essas observações orientam o argumento de que EA pode disponibilizar elementos que signifiquem o trabalho destas trabalhadoras/trabalhadores. A aposta é na constituição de uma consciência que possibilite fluxos reflexivos, os quais culminem em posicionamentos críticos e transformadores da realidade.

4.2 CENTRO DE TRIAGEM DA VILA PINTO - CTPV

Um grupo de mulheres lideradas pela Sr.^a Marli Medeiros começou, no ano de 1995, a mudar as histórias de vida de algumas mulheres. Excluídas do mercado formal de trabalho e moradoras da Vila Pinto, zona leste de Porto Alegre, reuniram-se com o objetivo de criar uma alternativa de trabalho que lhes possibilitasse uma autonomia financeira e uma melhoria na qualidade de vida de suas famílias e de sua comunidade. Assim, principiaram a separação e a seleção de material reciclável, pois esta atividade não exigia experiência nem escolaridade, e a matéria-prima era gratuita. Com o apoio da Organização Alemã de Cooperação Técnica (GTZ), a qual defende a preservação do meio ambiente, e do DMLU, foi iniciada a etapa organizacional de uma das primeiras unidades de triagem de material reciclável de Porto Alegre. Em 1996, era fundado o Centro de Educação Ambiental – CEA, entidade âncora do Centro de Triagem da Vila Pinto – CTVP e do Centro Cultural James Kulisz – CEJAK.

Quando fui conhecer o CTVP, no dia 23 de agosto de 2011, para dar continuidade à pesquisa, fui recebida por sua diretora, Ana Paula Medeiros de Lima, e pela coordenadora, Sirlei Batista de Souza¹¹; as quais me conduziram a uma visita ao CEA, ao CEJAK e ao galpão do CTPV. Esta oportunidade me possibilitou conhecer a história e a dinâmica da associação, através de uma conversa elucidativa. Pude também fazer algumas perguntas cujas

¹¹ LIMA, Ana Paula Medeiros de. Diretora do Centro de Triagem da Vila Pinto – CTVP. Entrevista concedida à bolsista de Iniciação Científica UFRGS Bianka Biazuz Vicente em 23 de ago 2011.

SOUZA, Sirlei Batista de. Coordenadora do Centro de Triagem da Vila Pinto – CTVP. Entrevista concedida à bolsista de Iniciação Científica UFRGS Bianka Biazuz Vicente em 23 de ago 2011.

respostas, após analisadas por mim, reforçam a idéia de que a EA pode ser propulsora e fundamental para um currículo integrado que associe educação geral e educação profissional.

Segundo os relatos coletados, o CTVP é uma associação constituída por quarenta trabalhadoras/trabalhadores, das (os) quais vinte e oito são mulheres e doze são homens. As trabalhadoras/trabalhadores possuem baixo poder aquisitivo e, na sua maioria, são afrodescendentes e chefes de família, sendo, portanto, aquelas ou aqueles que as sustentam, garantindo geração de trabalho e renda através da seleção de material reciclável. O CTVP, imediatamente à sua fundação, tornou-se importante agente propulsor do desenvolvimento socioeconômico da Vila Pinto, não se limitando à geração de trabalho e renda; extrapolando, através de sua atuação, as paredes do galpão de reciclagem. As mulheres associadas do CTVP colocaram em reunião da associação uma preocupação que era coletiva. Ficavam preocupadas, enquanto trabalhavam, porque seus filhos estavam sozinhos, expostos aos riscos que a “rua” oferecia. Desta preocupação surgiu o CEJAK.

Li na pedra fundamental desta instituição que a mesma tem como objetivo principal oferecer o acesso – para crianças, jovens e adultos moradores da Vila Pinto e do entorno – a atividades de cultura, educação, lazer, esporte e à qualificação profissional, estimulando assim a formação de protagonistas locais, no intuito de promover o desenvolvimento sociocultural, ambiental e econômico da região. Neste sentido, Ana Paula informou que as ações promovidas pelo CEJAK e pelo CEA têm colaborado com o posicionamento mais ativo e crítico das associadas/associados na sociedade.

No terreno ao lado da associação existe um SASE¹² (Serviço de Apoio Socioeducativo), que surgiu do convênio firmado em fevereiro de 2008 entre o CEJAK e a Secretaria Municipal da Educação. Na ocasião, a coordenadora salientou que tal conquista foi resultado do esforço da equipe diretiva do CEJAK, centrada na pessoa da Sr^a. Marli Medeiros, e da voluntária Beatriz Kulisz, com parceria da CAPA Engenharia. Este convênio garantiu a instalação da Escola de Educação Infantil Vovó Belinha, que atendia, no ano de 2011, cento e vinte crianças de zero a seis anos, garantindo vaga para os filhos das associadas/associados do CTVP.

No prédio que sedia o CEJAK existe uma sala equipada para a exibição de cinema para a comunidade, um salão para as festividades e uma cozinha comunitária – doada pela

¹² Serviço de Apoio Socioeducativo (Sase) atende crianças e adolescentes de 06 a 14 anos de todas as regiões da cidade de porto alegre e de outras cidades no turno inverso ao da escola, oferecendo alimentação, apoio pedagógico e psicossocial e, quando necessário, encaminhamento aos serviços de saúde. É desenvolvido nos Centros de Referência de Assistência Social (CRAS) e em entidades conveniadas como creches e associações comunitárias.

Fundação de Assistência Social e Cidadania, a FASC¹³ –, onde associadas/associados realizam as refeições; além de um refeitório. Ambos os locais chamam a atenção pela limpeza. O CEJAK (que sobrevive via doações e financiamentos da iniciativa privada) paga duas cozinheiras, enquanto a CEA paga uma através da partilha (esta última cozinheira é uma associada do CTPV e recebe como os demais, mas atua somente na cozinha).

O terreno da associação é em declive, sendo asfaltado quase completamente. Existe uma quadra esportiva e um estacionamento. Percebem-se cuidados para que não haja resíduos jogados no espaço externo ao galpão, exceto os fardos prontos para a venda. Também foram conservados alguns espaços com árvores e bancos para o descanso. Todavia, o galpão é pequeno em relação ao da Associação Ecológica Rubem Berta (menos da metade do tamanho). A triagem é feita nas mesas individuais por grupos de cinco pessoas em cada. Sirlei salientou que a utilização de equipamento de proteção para o trabalho é rara: *“É uma briga fazer usar luva e sapato fechado, ainda mais que é quente”*. Realmente, observei em minha visita que havia apenas seis associadas com luva e cerca de dez pessoas com sapatos fechados.

Na ocasião perguntei se elas poderiam falar sobre aprendizagens adquiridas a partir do trabalho no galpão, ao que Sirlei respondeu:

Olha, eu cheguei a Porto Alegre em 1996, viúva, com filho e com uma mão na frente e outra atrás. Conhecer a Dona Marli e trabalhar aqui com outras mulheres com uma história parecida com a minha, só isso já me fez compreender que a vida continua e aprender que existem outras possibilidades sem ser roubar, se drogar. Mas aprendi muita coisa, sobre o trabalho em si de separar até essas coisas de controle como pesar, fazer a planilha do que entra e sai de material e de dinheiro, temos que ter tudo certinho para as reuniões. Aprendi a negociar, mesmo que a Ana seja melhor nisso. Aprendi muito e preni até a ensinar! Hoje eu estudo, estou quase terminando o fundamental, quero fazer faculdade, o meu sonho é fazer sociologia ou história. Todos falam que sociologia é só teoria, mas aqui eu tenho a prática. Então é isso, eu acho meu trabalho muito importante para mim e para os outros. (SIRLEI)

Com relação à resposta dada por Sirlei, solicitei a ela que me explicasse como entendia a importância de seu trabalho para a sociedade, ao que ela me respondeu:

Nós somos agentes responsáveis pela preservação do meio ambiente. Tu já imaginou se esse monte de saco plástico, lata, e papel ficasse atirado por aí? As pessoas compram e compram e nós é que damos jeito de fazer o que não se usa voltar a ser útil. (SIRLEI)

¹³ A Fundação de Assistência Social e Cidadania (Fasc) é o órgão da Prefeitura de Porto Alegre responsável pela coordenação e execução de programas e serviços que promovem direitos e a inclusão dos cidadãos que estão em situação de risco e vulnerabilidade social. Os recursos para a assistência social são definidos pela população no Orçamento Participativo. O Conselho Municipal de Assistência Social (Comas) normatiza, delibera e controla as ações da Fasc, e o Fundo Municipal de Assistência Social é o instrumento de captação e aplicação de recursos.

Neste sentido, a experiência da CEA integrada à associação, conforme informou a coordenadora, talvez esteja possibilitando a apropriação das relações entre o trabalho desenvolvido na associação e a manutenção do meio ambiente. A diretora informou inclusive que esta conscientização reduz o rejeito dos materiais, pois perceber a importância do trabalho desenvolvido na associação para a sociedade motiva as trabalhadoras/trabalhadores para o trabalho. Para terminar a apresentação do CTPV, deixo o registro de um cartaz que está exposto no interior do galpão, contendo a seguinte mensagem: *“O que para alguns é lixo, para nós é oportunidade, e para o planeta, uma chance!”*.

4.3. ASSOCIAÇÃO DE CATADORES E RECICLADORES DA VILA CHOCOLATÃO (ACRVC)

A ACRVC iniciou suas atividades em 9 de outubro de 2010, com a inauguração da nova Vila Chocolateão, reassentada no entroncamento da Avenida Protásio Alves com a Avenida Manoel Elias. Na data em que estive nesta associação, em agosto de 2011, ela reunia trinta e nove associadas/associados, dos quais vinte eram mulheres e dezessete homens. Estas trabalhadoras/trabalhadores eram catadoras/catadores autônomos até o ano anterior. Na época em que visitei a associação, havia quinze pessoas em período de adaptação em fase de associar-se ao grupo. A associação possui dependências novas, pois foi recentemente construída. Todo o solo de sua área externa foi revestido de cimento. Seu galpão foi doado por uma empresa da iniciativa privada e difere de todos os outros pela moderna estrutura metálica, possuindo uma área construída de setecentos e vinte metros quadrados. A associação está equipada com duas prensas hidráulicas, elevador de carga, balança com capacidade para até uma tonelada e cem bombonas plásticas, além de suportar o trabalho de 60 pessoas simultaneamente¹⁴.

Fui recebida na ACRVC em 02 de setembro de 2011, por Terezinha Margarete do Rosário¹⁵ – Diretora da Associação, e José Silva¹⁶, primeiro secretário da associação. Seus relatos sobre a estruturação e organização da associação me permitiram entender que essa associação é para a comunidade uma aposta na busca por melhores condições de vida e,

¹⁴ Informações site <http://cmcpoa.blogspot.com/2011/05/unidade-de-triagem-da-nova-chocolatao.html>

¹⁵ ROSÁRIO, Margarete Terezinha do, Diretora da Associação de Catadores E Recicladores Da Vila Chocolateão (ACRVC) entrevista concedida à bolsista de Iniciação Científica UFRGS Bianca Biazuz Vicente em 02 de set 2011

¹⁶ Nome fictício.

portanto, de trabalho. A troca de experiências entre esta jovem associação e o CTVP tem fortalecido a experiência associativista entre as duas. Neste sentido, o CTVP orientou a ACRVC para que fosse solicitada, via FASC, a cozinha comunitária – e hoje oferece almoço para as associadas/associados no local. A cozinha se situa no segundo andar do galpão. Além disto, e a exemplo da CTVP, a associação recebe alimentos por meio de sua inclusão em programas sociais do poder público – como o Banco de Alimentos e o Mesa Brasil – e da iniciativa privada: do Serviço Social da Indústria (SESI). Duas das associadas trabalham na cozinha e fazem uma arrecadação para a compra de carne semanal.

A separação é feita em mesas individuais, em grupos de cinco associadas/associados. No galpão, uma das regras é não separar para si algo que seja rentável – roupas ou objetos que não o são podem ser levados. De quinze em quinze dias há uma assembleia, onde também ocorre a partilha. Na ocasião de minha visita, o primeiro secretário da associação comentou sobre a importância da clareza e da transparência sobre o fluxo de comercialização dos materiais, os ganhos e as eventuais perdas da associação; pois a associação é coletiva, é do grupo – e por essa razão todos são responsáveis. Perguntei se me poderiam falar sobre as aprendizagens adquiridas no trabalho do galpão e a liderança me respondeu:

Pois olha, aqui é pura aprendizagem, tem gente que tem como a primeira escola aqui. Nunca foram para escola, não sabem resolver as coisas sem ser na bandidagem, mas aqui a coisa é diferente, porque a coisa que a gente aprende aqui é a se unir uns com os outros, porque assim nós somos mais fortes. Então aqui a gente ensina o social, o trabalho, o respeito, a paciência com quem está aprendendo. Não tem essa de se estourar e, quando acontece, a gente chama pra resolver; porque aqui nós todos somos sócios e da mesma comunidade, temos a amizade que é de fora daqui. Isso também agente aprende que tem que separar as coisas o pessoal do trabalho. Fora todo o resto. (NADIR)

Ao expressar que a aprendizagem no galpão passa pelo desenvolver do sentido da união, esta trabalhadora nos comunica o desenvolvimento do entendimento sobre uma importante noção delineada por Freire (1987, p.37), que é a intercomunicação entre os sujeitos. A intercomunicação transposta para uma perspectiva de EA propõe o entendimento de que aprendemos com e no contato com o meio. Neste caminho, pode-se chegar à compreensão do que Fischer (2009, p. 34) chama de *inusitado* no campo Educação Popular:

O inusitado está em que os saberes múltiplos postos em situação dialógica não precisam anunciar um único ponto de chegada (parousia, socialismo) através de algum corretivo de consciência, e sim se mostrarem múltiplos, diversos e legítimos. A dinâmica das trocas entre todos é que fortalece o todo, pois vai possibilitando intercâmbios múltiplos entre os diversos sujeitos, coletivos e individuais. O excludente *ou* fica trocado pelo inclusivo *e!* (FISCHER, 2009, p. 34).

A ACRVC vive seu início, o qual acompanha um novo início para toda a comunidade da Vila Chocolateão, em função de seu recente reassentamento habitacional. Foi visível o

entusiasmo demonstrado pelas lideranças com as possibilidades que advém do trabalho associado e com suas conquistas, tais como o galpão, o maquinário e a cozinha. No dia em que estive nesta associação esperei em sua porta para ser atendida e pude observar um trabalho agregando alegria e cantoria. O radinho que funciona com o resto de pilhas usadas dá o tom, e é acompanhado por vozes que soam como uma só.

5 EDUCAÇÃO AMBIENTAL: O ALVORECER DE UMA NOVA HISTÓRIA

Ao situar minha pesquisa em associações de triagem e reciclagem de resíduos sólidos e procurar elementos que aproximam o trabalho desenvolvido nestes locais às problemáticas inerentes ao meio ambiente, percebi que, cada vez mais, os sentidos do labor que justificam a existência desta área de ocupação profissional precisam ser significados e re-significados. Este duplo movimento adentra perspectiva de construção da inspiração da base curricular propedêutica e profissional para catadoras/catadores e recicladoras/recicladores de resíduos sólidos. Neste caminho, estão presentes os conceitos de *intercomunicação* (FREIRE, 1987, p. 37) e *antropo-ética* (MORIN, 1999, p.106), que alicerçam a inspiração curricular que aqui se pretende discutir.

Em outros momentos deste trabalho já comecei, de certa forma, a tecer as perspectivas em que me apoio para pensar sobre a Educação Ambiental, tendo esta como promotora da legitimidade e do processo desalienador da conscientização crítica e do empoderamento em face ao trabalho das catadoras/catadores e das recicladoras/recicladores de resíduos sólidos. Entretanto, antes de dar prosseguimento a esta argumentação, é necessário apresentar a perspectiva epistemológica de EA constituinte da minha orientação teórica. Entendo a EA como um processo crítico e político, promotor da construção de sociedades sustentáveis do ponto de vista ambiental e social. A intenção é uma compreensão da interação sociedade – meio ambiente transformadora e emancipatória por parte da sociedade. Para tanto, defendo uma EA Crítica:

Inspirada nestas idéias-força que posicionam a educação imersa na vida, na história e nas questões urgentes de nosso tempo, a educação ambiental acrescenta uma especificidade: compreender as relações sociedade-natureza e intervir sobre os problemas e conflitos ambientais. Neste sentido, o projeto político-pedagógico de uma Educação Ambiental Crítica seria o de contribuir para uma mudança de valores e atitudes, contribuindo para a formação de um sujeito ecológico. Ou seja, um tipo de subjetividade orientada por sensibilidades solidárias com o meio social e ambiental, modelo para a formação de indivíduos e grupos sociais capazes de identificar, problematizar e agir em relação às questões socioambientais, tendo como horizonte uma ética preocupada com a justiça ambiental. (CARVALHO, 2004, p. 18-19 b).

A perspectiva transformadora parte, segundo a autora do trecho supracitado, da inspiração freireana e das análises críticas das intercessões dos grupos sociais com o ambiente em que vivem. Para tanto, impõe-se a percepção de que as relações de exploração são históricas e implicam na desigualdade social e na degradação ambiental. É nesse caminho que

Carvalho (2004, p177 a) nos propõe a noção de “sujeito ecológico”: aquele que cumpre seu papel crítico e reflexivo no desenvolvimento de uma nova forma e compreender e se comunicar com a natureza.

Nas associações e cooperativas, ao chegarem os caminhões entregando a matéria-prima para o trabalho, após percorrerem a cidade coletando o excedente do consumo da sociedade, o que vemos é uma montanha de consumo descartado. Este consumo que descartamos são árvores, água, animais (incluindo o homem, que transforma sua força em trabalho, que por sua vez transforma a natureza) e ar sob outras formas de ser. A maneira com que a população trata seu consumo, muitas vezes sem critério de seleção, revela descompassos entre as questões ambientais, sociais, econômicas e educacionais o que indica a existência de “algo sistematicamente errado” com o nosso meio social, material e natural.

Neste sentido entendo ser importante atentar às conexões que possibilitem às trabalhadoras/trabalhadores entenderem, por exemplo, o percurso que faz uma árvore chegar a ser uma folha de papel. Tais associações e cooperativas fornecem noções acerca do lugar que seu trabalho ocupa na cadeia produtiva e permitem o entendimento de que são legitimamente importantes agentes ambientais. Entretanto, nossa cultura cartesiana dificulta a visão e a capacidade de apreender as conexões constantes entre as partes que compõem o todo. A incidência de uma cultura predatória, que dispõe da natureza sem respeito ou responsabilidade denuncia do que se trata o “algo errado” citado anteriormente. Esse sentimento adquire consistência e visualidade no momento em que começamos a colher os frutos advindos da relação que a humanidade estabeleceu com os seus iguais e com o meio ambiente que o constitui, do qual também faz parte de maneira indissociável, pois:

A humanidade deixou de constituir uma noção apenas biológica e deve ser, ao mesmo tempo, plenamente reconhecida em sua inclusão indissociável na biosfera; a Humanidade deixou de constituir uma noção sem raízes: está enraizada em uma “Pátria”, a terra, e a terra é uma pátria em perigo. A Humanidade deixou de constituir uma realidade abstrata: é realidade vital, pois está, doravante, pela primeira vez, ameaçada de morte [...] (MORIN, 2000, p. 114).

Cabe ressaltar, assim, o potencial da EA para mediar os diversos enfoques sobre as condições necessárias à vida os quais se comunicam com contextos plurais que evoluem os sujeitos que, de uma forma ou outra, se encontram implicados e relacionados. Neste sentido, a

experiência associativista vivenciada pelas associações pesquisadas traz em si uma proposta de um novo entendimento acerca da relação predatória da humanidade com o meio ambiente que a integra. Assim, podemos entender uma associação de triagem e reciclagem de resíduos sólidos como uma possibilidade ecológica de sustentabilidade e integração que parte do compartilhamento de conhecimentos e da possibilidade de transformar o que já não “serve” em sustento e dignidade. Albuquerque (2008) declara que:

É preciso que se entendam as experiências sobre gestão de resíduos como espaços de construção coletiva dos conhecimentos disponibilizados pela cultura de uma sociedade. São projetos de educação, no seu sentido mais amplo. Podem, pelo agir coletivo, passar da lógica da desconfiança tão presente nos dias de hoje para ações cujo caráter seja propositivo. (ALBUQUERQUE, 2008, P. 28).

Este agir coletivo lembra a idéia sobre o processo de ensino e aprendizagem constantes em Brandão (2005):

Alguns pesquisadores de pedagogia têm procurado mesmo compreender de outra maneira o próprio processo do ensinar-e-aprender. Podemos com eles partir da idéia de que a menor unidade do aprender não é cada pessoa, cada aluno, cada estudante tomado em sua individualidade. Ela é o grupo que se reúne frente à tarefa partilhada de criar solidariamente seus saberes. É a pequena comunidade aprendente, através da qual cada participante ativo vive o seu aprendizado pessoal. (BRANDÃO, 2005, p. 90).

Sublinho que a “comunidade aprendente” trata das formas coletivas e solidárias em que os saberes vão se formando e se complementando mediadas pelo compartilhar grupal. Assim, compreender nossa relação com o ambiente tendo como rumo à sustentabilidade nos leva a identificar outro princípio da EA Crítica: a participação social. É neste caminho que a EA expressa seus sentidos e os situa para além de um simples aprender técnico, como um saber que conecta os sentidos da vida com os ensinamentos provenientes do convívio ambiental intra e interespecíficos. A estrutura argumentativa da EA Crítica possibilita a formulação de dimensões que criam o acesso ao entendimento dos sentidos educacionais que emergem do trabalho – no caso desta investigação, de grupos de trabalhadoras/trabalhadores como os das catadoras/catadores e recicladoras/recicladores de resíduos sólidos. Esta é a fenda que revela a possibilidade de entendimento da legitimidade do fazer diário em uma associação de triagem e reciclagem de resíduos sólidos e abre espaço para que seja dita *a palavra* no sentido atribuído por Freire (1987):

A existência porque humana, não pode ser muda, silenciosa, nem tampouco pode nutrir-se de falsas palavras, mas de palavras verdadeiras, com que os homens transformam o mundo. Existir, humanamente, é pronunciar o mundo, é modificá-lo. O mundo pronunciado, por sua vez, se volta problematizando aos sujeitos pronunciantes, a exigir deles novo pronunciar. (p. 78).

Entretanto, a palavra dita com a intenção de transformar o mundo demanda a existência de uma visão sistêmica que supere uma visão estreita e restrita do trabalho e da realidade. Todavia:

[...] a dimensão educativa do campo, junto às atividades de recicladores, está orientada, sobretudo, a aspectos técnico-produtivos e/ou administrativo-organizacionais (quanto aos processos decisórios comuns à constituição de uma associação – assembleias, reuniões etc.), como saberes necessários ao cotidiano de labuta e ao entendimento das necessidades dos sujeitos que agora trabalham na reciclagem (LISBOA, PINHEIRO, AMARAL & CARGNIN, 2009, P. 110).

A superação do tecnicismo é proposta pelo *pensamento complexo*. Este conceito constitui a base do entendimento de uma EA Crítica e, por conseguinte, passa a ser outra importante contribuição no encaminhamento das reflexões sobre a orientação curricular proposta pela ampliação do entendimento ambiental na proposta de currículo integrado, tanto na dimensão geral como profissional. Segundo Enrique Leff (2000, p.34), o pensamento complexo emerge como possibilidade do conhecimento de mundo e tem aberto novas abordagens para entender os processos materiais, para além dos limites dos paradigmas científicos e instrumentalistas:

A complexidade ambiental não apenas leva à necessidade de aprender fatos novos (mais complexos), mas também inaugura uma nova pedagogia, que implica a reapropriação do conhecimento desde o *ser do mundo* e do *ser no mundo* [...] A pedagogia da complexidade ambiental reconhece que *aprender o mundo* parte de ser de cada sujeito, de seu ser humano; essa aprendizagem consiste em um processo dialógico que transborda toda racionalidade comunicativa construída sobre a base de um possível consenso de sentidos e verdades. (LEFF, 2009, p. 20).

O entendimento da complexidade ambiental passa pelo princípio que Morin (2000) chamou de *consciência ecológica*, a qual vem a ser:

[...] a consciência de habitar, com todos os seres mortais, a mesma esfera viva (biosfera); reconhecer nossa união consubstancial com a biosfera conduz ao abandono do sonho prometeico do domínio do universo para nutrir a aspiração de convivibilidade sobre a terra. (MORIN, 2000, p.76).

Tal princípio se choca com o posicionamento individualista bastante comum na nossa sociedade. Na construção de um currículo com sustentação da EA é essencial a atenção dispensada a estratégias que possam fazer com que os sujeitos percebam a ligação que temos uns com os outros e assim se conscientizem a responsabilidade que, da mesma forma, temos uns com os outros. A responsabilidade e a união dentro da *comunidade planetária* (MORIN; KERN, 2000, p.127) são uma construção que demanda a experiência de estar e conviver com o outro. Neste ponto, cumpre lembrar que, quanto à sua pesquisa na ARERB, Fischer (2006) aponta para os seguintes resultados:

Os resultados encontrados evidenciaram situações concretas de intensa solidariedade, ajuda e compreensão entre essas pessoas apesar das condições de extrema pobreza. Também se tornaram visíveis os contrastes entre uma retórica de parte dos recicladores a respeito da importância do trabalho que fazem e das indispensáveis melhorias que deveriam ocorrer para aumentar o ganho e os limites, impossibilidades e dificuldades em traduzirem na prática seus discursos. (FISCHER, 2006, p.05).

As situações reais observadas oportunizaram a reflexão acerca dos aspectos que acabam por incentivar a responsabilização social e a tomada de consciência ambiental, na medida em que revelam a ecologia no cotidiano de uma associação de triagem e reciclagem de resíduos sólidos. A solidariedade e a compreensão entre as pessoas é parte constitutiva de um currículo balizado pela EA. Deste modo, a responsabilidade com a natureza ultrapassa o nível do discurso do senso comum, do qual emana a noção de estarmos preservando algo que é importante, mas não é parte de cada um de nós. A EA propõe o contato direto com a realidade e a projeção de que o conhecimento ultrapassa a velha forma de conceber a educação – a partir da simples formulação de conteúdos descontextualizados. A realidade apresenta a emergência e a grande colaboração para com a preservação do meio ambiente natural que parte do trabalho desenvolvido nestas associações. Preservar nosso meio ambiente natural é um grande desafio para a sociedade e *“deveremos estar dispostos a iniciar um processo de contínuo aprendizado sobre como processamos, com o tempo, a tomada de consciência ambiental”* (FISCHER, 2006, p 253).

A discussão sobre a EA em contextos mais amplos tem indicado sua potencialidade em relação à transformação social e à sustentabilidade. Nesta discussão, aspectos como cidadania e ação social adquirem corpo e status ante as problemáticas referentes ao meio ambiente. Minha experiência no âmbito do trabalho de catadoras/catadores e recicladoras/recicladores indica e situa a EA como propulsora de novos conhecimentos, os quais encaminham à compreensão da legitimidade do trabalho desenvolvido em associações e cooperativas de triagem e reciclagem de resíduos sólidos.

6 PERSPECTIVAS DE UM CURRÍCULO INTEGRADO PARA AS TRABALHADORAS/TRABALHADORES

O Relatório Final do Estudo do Perfil Sócio- Educacional da População de Catadores de Materiais Recicláveis Organizados em Cooperativas, Associações e Grupos de Trabalho (2010) revela que 41,5% das trabalhadoras/trabalhadores entrevistados não retomariam os estudos. Entretanto 5,2% retomariam se o pudessem fazer nos finais de semana, 32,6%

retornariam durante a semana, à noite, 2,1% durante o turno de trabalho e 17,1% retornariam se fosse possível estudar à noite, mas não todos os dias. Como podemos perceber, se juntarmos a disposição demonstrada nas diferentes situações apresentadas como alternativa na pesquisa, mais da metade dos sujeitos demonstra vontade de retomar os estudos. Todavia, o estudo também revela que tal vontade está ligada às:

Exigências do mercado de trabalho (33,9%), ou seja, motivação relacionada ao desejo de exercer uma atividade profissional diferente da reciclagem, mais qualificada, com maior remuneração e com direitos trabalhistas garantidos. A baixa escolaridade apresenta-se como um empecilho para uma inserção diferenciada no mercado de trabalho. (IBIDEM, p. 104).

Tal informação esclarece que se trata de uma atividade profissional que não atende à demanda por garantias trabalhistas que outras áreas de atuação podem conferir ao trabalhador/trabalhadora. Neste sentido, durante minha pesquisa na ARERB, ao constatar as condições insalubres de trabalho e os baixos ganhos que a atividade oferece às suas trabalhadoras/trabalhadores, muitas vezes me questionei: se por ventura eu pudesse escolher e proporcionar outro tipo de trabalho às trabalhadoras/trabalhadores deste local, eu deixaria que elas permanecessem nesta atividade? Entretanto, me dei conta de que o trabalho desenvolvido em associações e cooperativas pode ser entendido somente relacionado a ganhos financeiros, mas como um trabalho extremamente importante para a sociedade e para o ecossistema planetário. Desenvolver esta consciência nestas trabalhadoras/trabalhadores é uma das demandas dentro de uma ação educativa que possibilita inspiração para pensar um currículo significativo e transformador. Neste sentido, o estudo aponta “*que a escolarização precisa ser analisada no que concerne ao sentido atribuído por estes trabalhadores à educação*”. (IBIDEM, p. 106).

Os sentidos atribuídos à educação, de maneira geral, são fatores de motivação para que jovens e adultos retornem à escola. Esses vão em busca de ferramentas que nossas aprendizagens oferecem à compreensão e ao enfrentamento da vida. Assim, ao me deparar com fato de que 33,9% das trabalhadoras/trabalhadores entrevistados encontram, nas possibilidades profissionais que a elevação da escolaridade pode proporcionar, a razão para retomar os estudos me pergunto: -Por que não (re)significar esse trabalho e valorizá-lo partindo de uma formação para o trabalho e para a vida, a qual conceda significações para o exercício da ocupação de catadora/catador e recicladora/reciclador de resíduos sólidos e, nesse percurso, provoque a reivindicação por melhores condições de trabalho e de vida? Partindo dessa idéia é que estruturo a argumentação sobre a importância da formação integral geral e profissional para essas trabalhadoras/trabalhadores. Daí nascem as reflexões

relacionadas ao delineamento de perspectivas curriculares que incorporem a Educação Ambiental.

Conforme já expus neste trabalho, esta pesquisa se desenvolveu a partir da pesquisa de minha então orientadora, a qual está centrada na construção do entendimento sobre o currículo integrado do PROEJA, política pública que se institui no âmbito dos Institutos Federais de Educação Ciência e Tecnologia. A partir da pesquisa da Profa. Dra. Simone Valdete dos Santos, impôs-se a mim a necessidade de pesquisa sobre o que vem a ser um *currículo integrado*. Essa pesquisa me levou a entendê-lo como uma proposta capaz de romper com as fragmentações do currículo tradicional para articular dinamicamente profissionalização, ensino propedêutico, prática e teoria. Assim, o currículo integrado corresponde à integração das diferentes áreas de conhecimento, visando facilitar e ampliar a reflexão, a compreensão e a criticidade em relação à realidade, procurando redimensionar o tratamento dos conteúdos culturais, o domínio dos processos necessários ao alcance de conhecimentos concretos, a compreensão de como o conhecimento é produzido e as dimensões éticas inerentes a esta tarefa (Santomé, 1998). Para tanto, Santomé (ibidem) propõe a *transdisciplinaridade* como possibilidade metodológica para superação da segmentação do conhecimento. Como o próprio prefixo *trans* indica, a transdisciplinaridade situa-se, ao mesmo tempo, entre e além das disciplinas. Deste modo, o caráter agregador expresso na transdisciplinaridade se efetiva quando ultrapassa a visão disciplinar fechada e incomunicável. A este respeito, o caráter integrador do conceito de Freire (1987, p. 37) de *Intercomunicação* pode nos fornecer referência ao sentido transdisciplinar que se quer dar a essas reflexões.

Ciavatta (2005, p.84), ao discutir o entendimento de currículo integrado retoma Gramsci, no que diz respeito ao trabalho como princípio educativo e seu lugar nas reflexões sobre a indissociabilidade do ensino profissional do geral. Esse princípio busca “superar a dicotomia trabalho manual/trabalho intelectual, de incorporar a dimensão intelectual ao trabalho produtivo, de formar trabalhadoras/trabalhadores capazes de atuar como dirigentes e cidadãos”. Assim, no âmbito da discussão de um currículo integrado para catadoras/ catadores e recicladoras/recicladores de resíduos sólidos, considerar as perspectivas ambientais discutidas neste trabalho se tornam substanciais, dada a especificidade do trabalho desenvolvido por estas trabalhadoras/trabalhadores. O trabalho que realizam traz, em si mesmo, a perspectiva ambiental. Assim, os estudos consolidados, entre eles o de Maria Ciavatta, centram o debate do currículo integrado na necessidade do mesmo integrar e articular Trabalho, Ciência e Cultura nas dimensões de formação geral e profissional. O trabalho de catadoras/catadores e recicladoras/recicladores tem a especificidade de escancarar,

de forma indiscutível, a crise civilizatória, em especial os desmandos ambientais a que estamos submetidos no capitalismo. Trabalhar com o lixo da humanidade para devolvê-lo em forma não lixo escancara a integração da cultura (capitalista – do consumo e não capitalista – que recupera o descartável, ao mesmo tempo), do trabalho (explorado, precário capitalista e, ao mesmo tempo, associado, colaborativo como resistência e subsistência) e da ciência capitalista, que resulta na tecnologia que é descartada e, ao mesmo tempo, de uma nova ciência que aprende a recuperar em novas formas o lixo. Assim, educa-se, na prática, a integração (capitalista e anticapitalista).

Já no que tange ao panorama nacional das políticas públicas educacionais atuais, temos o PROEJA que, a partir do Decreto nº 5.840, em 13 de julho de 2006, avançou na sua abrangência para além das instituições federais de educação tecnológica e passou a ser um Programa Federal. Assim, o PROEJA, por meio de convênios, pode ser adotado pelos sistemas de ensino estaduais e municipais, nos níveis fundamental e médio. Tal programa acena com uma interessante proposta de integração curricular do ensino básico ao ensino profissionalizante:

Assim, com o objetivo de superar a fragmentação do conhecimento e aprimorar as práticas educativas, assume-se a integração como a forma preferencial de organização curricular [...] Deverão ainda ser contempladas nas práticas pedagógicas as áreas de conhecimento como: Ciências Humanas e suas Tecnologias; Ciências da Natureza, Matemática e suas Tecnologias; e Linguagens, Códigos e suas Tecnologias, articuladas com as disciplinas da qualificação profissional selecionada. (DOCUMENTO BASE PROEJA 2007, p. 35, 37).

Existe a expectativa pela formulação e oferta de cursos para catadoras/catadores e recicladoras/recicladores que sejam articulados através dessa política, que tem como inspiração o delineamento de currículos integrados. Entretanto, ainda não há nenhuma experiência ou estudo realizado para cursos destinados a este público.

O traçado delineador relativo ao perfil de um currículo integrado com base transdisciplinar encaminhado por conceitos da EA traz horizontes, somado a outros pressupostos sobre Currículo Integrado para a construção de cursos para esse público. Neste caminho, os sentidos do trabalho entrelaçam-se à construção da identidade profissional inerente ao campo de atuação laboral, que é pedagogicamente mediado pelas interações com o meio ambiente e a solidariedade.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS: A INTEGRAÇÃO DE REFLEXÕES

Na experiência de inserção na vida produtiva de associações de triagem onde sujeitos constroem suas possibilidades no âmbito do coletivo, pude (re) significar os sentidos do que vem a ser aprendizagem na perspectiva da educação popular e ambiental. São nos processos dinâmicos de troca que se percebe que a experiência da coletividade pode ser transformadora. O que evidenciei nos caminhos que percorri foram trabalhadoras/trabalhadores reunidos em grupos que estão promovendo não só novos horizontes individuais ou restritos ao desenvolvimento do próprio grupo. O que evidenciei foi a construção da superação dos processos de exclusão aos quais os indivíduos oriundos das classes populares estão sujeitos. Neste sentido, é substancial que o poder público promova propostas educativas que contemplem as especificidades e as demandas das catadoras/catadores e recicladoras/recicladores de resíduos sólidos, de forma a ampliar e potencializar as transformações que produzem, paulatinamente, superações ante o objetivo de melhoria de suas condições de vida.

No caso específico destas trabalhadoras/trabalhadores, os processos de superação estão inseridos no que é um dos maiores desafios que os seres humanos têm de enfrentar: a manutenção e preservação do meio ambiente no qual vivemos e do qual fazemos parte. O próprio sentido de superação denota luta e transformação e, portando, cria demandas por elementos que potencializem a reflexão, visando à ampliação da consciência sobre a ação imediata, que, neste caso, é expressa via trabalho. O empoderamento em face ao trabalho indica a constituição de esferas de diálogo intercomunicantes de conhecimentos, promotoras de novas significações nas aprendizagens sobre o trabalho e a vida. A possibilidade concreta para o desenvolvimento do empoderamento e do pensamento crítico passa pela articulação de propostas educativas interessantes para este público e uma delas pode, legitimamente, ser um currículo integrado profissionalizante e de cunho emancipatório. Foi neste caminho que se elaborou a argumentação sobre as contribuições advindas da EA, as quais estruturam e sustentam o presente estudo. Deste modo, destaco elementos que me encaminham nesta argumentação, os quais emergiram de minha inserção junto a grupos de trabalhadoras/trabalhadores que desenvolvem suas atividades profissionais na triagem e reciclagem de resíduos sólidos.

O elemento principal parte da constatação de que o trabalho coletivo na reciclagem de resíduos sólidos e do lixo que chega misturado a estes promove aprendizagens coletivas e solidárias. Assim, o sentimento de integração, de sentir-se parte de um todo, promove a

atuação pessoal em direção ao coletivo. Tornar este movimento orgânico e consciente é uma das contribuições da EA para a estruturação de um currículo integrado de caráter transdisciplinar. Tal contribuição surge da premissa da EA que trata do entendimento de sermos parte de um todo e agentes de mudança desde o momento que nascemos, mesmo que não façamos nada, pois estar no mundo já pressupõe transformações. Catadoras/catadores e recicladoras/recicladores transformam o mundo com seu trabalho, propondo novas formas de encarar o consumo e contribuindo para a sustentabilidade da comunidade planetária. Compreender o sentido ambiental da coletividade e da solidariedade é parte fundamental da EA.

Outro elemento constituinte da argumentação diz respeito ao enfretamento da vida quando se conta diretamente com o coletivo para a sobrevivência. De maneira geral todos nós precisamos do coletivo para sobreviver, mas no trabalho associado existe o requisito imediato da presença do outro. Assim, as associações e cooperativas congregam sujeitos que desenvolvem seus projetos de vida articulados à teia de relações que integram seu meio social. Existe a preocupação com o outro, com o amigo/colega, a qual pode ser entendida também como uma cuidadosa atenção. Esta preocupação tem relação com o entendimento de estar ligado ao outro, não em uma relação de dependência, mas em uma relação que propõe o cuidado como uma forma de união de forças na busca por objetivos comuns. A EA procura formular a ideia de se ter *consciência individual além da individualidade* (Morin, 1999, P.106), e oferece subsídios para a apreensão de que a ecologia adentra o âmbito das relações humanas, justamente por identificar que estas são constituintes do meio ambiente. É por isto que estas relações se tornam objeto de estudo para esta área de pesquisa. Promover a percepção para a atuação intencional e crítica no mundo é mais um argumento que a EA oferece na proposta de fundamentação curricular.

Mereceu igual atenção o fato de ocorrerem formulações legítimas em defesa do trabalho, as quais foram demonstradas pelas trabalhadoras/trabalhadores das associações investigadas. A defesa do trabalho é também um elemento que virou objeto de análise e que orientou o pensamento do presente argumento. As defesas oferecidas sempre estavam articuladas ao sentido de conservação ambiental ao qual o trabalho dessas trabalhadoras/trabalhadores está vinculado. Aprofundar conhecimentos sobre o impacto ambiental e, portanto, social do trabalho desenvolvido nestas associações e cooperativas condiz com a perspectiva da EA crítica, além de delinear a legitimidade do labor e a direção da luta.

O percurso comunicativo dessa investigação produziu os elementos expostos com maior ênfase, os quais foram tratados nos parágrafos anteriores. Porém, como em toda investigação, o número de incertezas excede as possíveis certezas e nesta investigação não foi diferente. Deste modo, para finalizar esta etapa de construção deixo registrados questionamentos para os quais não consegui respostas:

- Até quando o trabalho, de maneira geral, será valorizado em função do quanto se ganha para realizá-lo, sem que seja levada em conta a contribuição social do mesmo?
- Por que há a perversa desvalorização do trabalho das catadoras/catadores e recicladoras/recicladoras?
- Como é possível que haja tanta demora na construção de uma reação social educativa que vise o combate à destruição do meio ambiente?
- O que mais falta que aconteça para que a sociedade reconheça que nosso modelo econômico baseado no consumo e no descarte está acabando com as condições necessárias à vida?
- Esperaremos muito tempo pela implantação de políticas públicas que proponham uma educação de qualidade como meio para a superação de uma visão que desarticula a reflexão da sociedade sobre ação e reação?
- Qual o caráter da proposta de formação para catadoras/catadores e recicladoras/recicladores que consta no decreto nº 7.405/2010?
- Qual será o próximo passo desta política pública?

Vivemos em tempos nos quais os fluxos reflexivos nos encaminham a novos paradigmas, fruto das novas formas de encarar e produzir a vida. Uma mudança de postura ética com relação ao meio ambiente é fundamental para a perpetuação da vida. O trabalho de catadoras/catadores e recicladoras/recicladores efetiva um procedimento essencial à preservação do meio ambiente e como tal é que se anseia que o trabalho destas pessoas seja tratado. Deste modo, espera-se que sejam propiciadas a essas trabalhadoras/trabalhadores condições dignas para o exercício de sua atividade profissional. Para tanto, a EA integra o processo de construção de novos caminhos sustentáveis, possíveis apenas através da luta e da conscientização de que somos natureza viva e transformadora.

O trabalho de catadoras/catadores e recicladoras/recicladores expressa a integração de ações combinadas da sociedade com objetivo final centrado na sustentabilidade – incluindo aí a sustentabilidade da própria sociedade. Esta idéia de integração repercute em vários

momentos da presente monografia, justamente por trazer à tona a costura entre currículo integrado, a EA e o caráter transdisciplinar proposto; por haver integração entre os diferentes sujeitos, entre as diferentes formas de vida e entre os diferentes saberes que nos constituem.

A idéia de integração é a característica principal da transdisciplinaridade, que possui o objetivo principal de desenvolver uma compreensão sistêmica e crítica da realidade. É nesta compreensão que entendemos o quanto fazemos parte um do outro e do todo que nos circunda e nos constitui. Neste sentido, o trabalho de catadoras/catadores e recicladoras/recicladores adquire valor colaborativo, sabendo que não é um fazer ensimesmado, mas um fazer que propõe relações com o todo e mudanças de atitude, pois expõe de forma contundente o retrato de uma sociedade que se perdeu devido ao consumo exacerbado. A educação na prática da integração traz consigo o apelo da resistência que parte da consciência crítica, do posicionamento ético e da força que, integrada, possibilita a mudança. Um currículo integrado, de caráter transdisciplinar, com contribuições da EA, para a formação profissional e propedêutica de trabalhadoras/trabalhadores que trabalham em associações e cooperativas de reciclagem, acompanha ética e ideologicamente a construção de um novo momento histórico e ambiental para a sociedade.

REFERÊNCIAS

ARRENDT, Hannah. **A condição humana**. Rio de Janeiro: Forense universitária, 2001.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Comunidades Aprendentes**. In: FERRARO-JÚNIOR, L.A. (org). *Encontros e caminhos: formação de educadoras (es) ambientais e coletivos educadores*. Brasília: MMA, Diretoria de Educação Ambiental, 2005.

BRASIL. **Lei 12.305** de 02 de agosto de 2010. Institui a Política Nacional de Resíduos Sólidos; altera a Lei n. 9.605, de 12 de fevereiro de 1998; e dá outras providências.

BRASIL. **Ministério da Educação**. Secretaria de Educação Secretaria de Educação Técnica de Nível Médio ao Ensino Médio na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos. PROEJA. *Documento Base Ensino Fundamental*. Brasília, 2007.

CARVALHO, Isabel Cristina de. Moura. **Educação Ambiental: a formação do sujeito ecológico**. São Paulo: Cortez, 2004 (a).

_____. **Educação Ambiental Crítica: nomes e endereçamentos da educação**. In: Ministério do Meio Ambiente. Diretoria de Educação Ambiental; Diretoria de Educação Ambiental, LAYRARGUES, Philippe Pomier (coord.): *Identidades da educação ambiental brasileira*. Brasília: Ministério do Meio Ambiente, 2004. Disponível em: http://www.mma.gov.br/port/sdi/ea/og/pog/arqs/livro_ieab.pdf (b).

Clavatta, Maria. **A formação integrada: a escola e o trabalho como lugares de memória e de identidade.** In: FRIGOTTO, G.; Clavatta, Maria; Ramos, Marise (Org.). Ensino médio: concepção e contradições. São Paulo: Cortez, 2005.

Feria, Alcindo Antônio; Fischer, Nilton Bueno. **Revisitando a educação popular a partir das mulheres Papeleiras.** In: Relações sociais e ética. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2008.

Fischer, Nilton Bueno. **Educação popular e consciência ambiental: reflexões em torno das pedagogias dos tempos, dos alertas, dos pertencimentos e das perguntas.** Diálogo (Canoas), v. 1, p. 243-261, 2006.

_____. **Perplexidades, Desafios e Propostas na Educação Ambiental a partir de Trajetórias de um Pesquisador.** In: REVISTA EDUCAÇÃO & REALIDADE (UFRGS), Porto Alegre, Educação Ambiental vol. 34, n. 3, set./dez. 2009.

_____. **Trabalho e autonomia. Construção do possível entre os trabalhadores, homens e mulheres, recicladores da Associação Ecológica Rubem Berta de Porto Alegre (RS). Educação Unisinos, v.10, n. 2, p. 130-138, 2006. Disponível em: http://www.unisinos.br/publicacoes_cientificas/images/stories/pdfs_educacao/vol10n2/art06_fischer.pdf. Acesso em 25 de outubro, 2010.**

Fischer Nilton Bueno; Meyer, Dagmar Stermann; Stephanou, Maria. (coords) **Relatório final: Estudo do Perfil Sócio-Educacional da População de Catadores de Materiais Recicláveis Organizados em Cooperativas, Associações e Grupos de Trabalho.** UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL. MEC-SECRETARIA DE EDUCAÇÃO CONTINUADA, ALFABETIZAÇÃO E DIVERSIDADE Porto Alegre: UFRGS, SECAD: 2010.

Frigotto, Gaudêncio. **A dupla face do trabalho: criação e destruição de vida.** In A experiência do trabalho e a educação básica. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

Grün, Mauro. **Ética e Educação Ambiental: A conexão necessária.** Campinas: Papyrus, 2007.

Freire, Paulo. **Ação Cultural para a Liberdade e Outros escritos.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

_____. **Educação como prática de liberdade.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000.

_____. **Pedagogia do oprimido.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

_____. Tradução de Moacir Gadotti. **Educação e mudança.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

Leff, Enrique. **Complexidade, Racionalidade ambiental e diálogo de saberes.** In: REVISTA EDUCAÇÃO & REALIDADE (UFRGS), Porto Alegre, Educação Ambiental vol. 34, n. 3, set./dez. 2009.

_____. **Complexidade Ambiental: México: Siglo XXI**, 2000.

_____. **Epistemologia ambiental**. 4 ed. São Paulo: Cortez, 2007.

LISBOA, Cassiano Pamplona, PINHEIRO, Leandro Rogério, AMARAL, Freitas do, & CARGNIN, Tiago de Mello. **Trajetórias e Tomadas de Posição no Campo Ambiental: práticas sociais para a reciclagem**. In: REVISTA EDUCAÇÃO & REALIDADE (UFRGS), Porto Alegre, Educação Ambiental vol. 34, n. 3, set./dez. 2009.

LOUSADA, Vinícius Lima. **O diabólico e o simbólico no cotidiano de um galpão de reciclagem: notas de um educador /pesquisador**. In: II Seminário Diálogos com Paulo Freire: Educação Popular, Formação Profissional e Movimentos Sociais, 2008, Pelotas. Anais do II Seminário Diálogos com Paulo Freire. Pelotas. Disponível em <http://www.ufpel.edu.br/fae/dialogoscompaulofreire/O%20DIABOLICO%20E%20O%20SIMBOLICO%20NO%20COTIDIANO%20DE%20UM%20GALPAO%20DE%20RECICLAGEM%20NOTAS%20DE%20UM%20EDUCADORPESQUISADOR.pdf>

_____. O cotidiano de um galpão de reciclagem: notas de pesquisa. In: REVISTA EDUCAÇÃO & REALIDADE (UFRGS), Porto Alegre, Educação Ambiental vol. 34, n. 3, set./dez. 2009.

MALINOWSKI, Bronislaw. **Objeto, Método e Alcance desta Pesquisa**. In GUIMARÃES, Alba Zaluar. **Desvendando Máscaras Sociais**. 3. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1990.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2000.

MORIN, Edgar; KERN, Anne Brigitte. **Terra-Pátria**. Porto Alegre: Sulina, 2000.

PREFEITURA MUNICIPAL DE PORTO ALEGRE. **Código Municipal de Limpeza Urbana**. Lei Complementar n°. 234/90.

SANTOMÈ, Jurjo Torres. **A Organização relevante dos conteúdos nos currículos**. In: **Globa-lização e Interdisciplinaridade: o currículo integrado**. Porto alegre. Editora Artes Médicas, 1998.

STRAUCH, Manuel; ALBUQUERQUE, Paulo P. de, (org.) **Resíduos: como lidar com os recursos naturais**. São Leopoldo: Oikos, 2008.

WEBER, Florence. **A entrevista, a pesquisa e o íntimo, ou: por que censurar seu diário de campo?** In: *Revista Horizontes Antropológicos – Etnografias*. Porto Alegre, ano 15, n.32, jul./dez, 2009.

APÊNDICE I

**QUESTIONÁRIO: ASSOCIAÇÕES DE TRIAGEM DE RESÍDUOS SÓLIDOS DE
PORTO ALEGRE – RS**

Fui recebida por:

Data:

Razão Social da associação:

Localização:

Nº de associados(as) ou cooperativados(as):

Sexonº: () Feminino Masculino ()

Horários de funcionamento:

Data de início das atividades:

Escolaridade:

SEXO/ANO	S/	Ensino Básico	1º	2º	3º	4º	5º	6º	7º	8º	9º	Ensino Médio	1º	2º	3º
Feminino															
Masculino															
Obs:															

Sistema de divisão de lucros:

Partilha por horas trabalhadas

Processo de escolha das lideranças:

Divisão de tarefas:

Previdência: () sim () não –

Obs:

Sistema de organização:

- a) Entrada:
- b) Saída:
- c) Combinações:
- d) Frequência das Reuniões:

Relações com DMLU:

Cursos oferecidos para qualificação profissional:

Como aprende um(a) novo(a) integrante do grupo:

Utilização de equipamento de proteção: (A) todos (B) a maioria (C) alguns

Obs:

Frequência e quantidade de resíduos:

Materiais separados:

PET (Branco)

PET (Colorido)

Papel (Branco)

Papel (Misto)

Plástico (Branco)

Plástico (Colorido)

Sacos Plásticos (Branco)

Sacos Plásticos (Coloridos)

Sacos Plásticos (Mistos)

Ferro

Latas de Alumínio:

Embalagens de Leite (Tetrapac)

Pilhas:

Resíduos eletrônicos:

Destino dado ao rejeito:

Incentivo:

Obs:

Poderias falar sobre aprendizagens adquiridas a partir do trabalho no galpão?

Relato da visita

APÊNDICE II

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

TERMO DE CONSENTIMENTO INFORMADO E ESCLARECIDO

A pesquisa: Do Inédito ao Aletório: O Currículo Integrado do PROEJA. Programa Nacional de integração da Educação Profissional à Educação Básica, Política Pública do Governo Federal na qual os Institutos Federais de Ciência e Tecnologia, os IFs, estão implicados procura desenvolver um currículo, dentro do referido programa, voltado para triadores(as), recicladores(as) e catadores(as) de resíduos sólidos. Neste sentido, é pertinente observar que a pesquisa já está em andamento a cerca de um ano e vem se desenvolvendo junto à Associação de Reciclagem Ecológica Rubem Berta, onde estive procedendo observações participantes com o grupo de Associadas(os). Tais observações estão estruturando as demandas educacionais e profissionalizantes dessas(es) trabalhadoras(es), porém a investigação demonstrou uma necessidade de ser ampliada na perspectiva de conhecer e reconhecer outros centros de triagem da cidade de Porto Alegre, com a finalidade de estruturar cursos PROEJA capazes de responder às demandas já citadas

Os dados e resultados individuais da pesquisa estarão sempre sob sigilo ético, não sendo mencionados os nomes dos participantes em nenhuma apresentação oral ou trabalho escrito que venha a ser publicado, a não ser que o/a autor/a do depoimento manifeste expressamente seu desejo de ser identificado/a.

A participação nesta pesquisa não oferece risco ou prejuízo à pessoa entrevistada. Se no decorrer da pesquisa o participante resolver não mais continuar ou cancelar o uso das informações prestadas até então, terá toda a liberdade de o fazer, sem que isso lhe acarrete qualquer consequência.

Os responsáveis pela pesquisa são:

Prof^a. Dr. Simone Valdete dos Santos, FACED/UFRGS e orientadora da pesquisa.

Bianka Biazuz Vicente, acadêmica do curso de Pedagogia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, a UFRGS, bolsista de Iniciação Científica

Ambas se comprometem a esclarecer devida e adequadamente qualquer dúvida ou necessidade de informações que o/a participante venha a ter no momento da pesquisa ou posteriormente, através do telefone (51) 3308 41 53 – UFRGS.

Após ter sido devidamente informado/a de todos os aspectos da pesquisa e ter esclarecido todas as minhas dúvidas, eu

_____ ,
cédula de identidade n.º _____ concordo em receber pesquisadora iniciante e prestar depoimentos, preencher questionários ou disponibilizar documentos sobre o objeto da referida pesquisa.

Quanto à identificação da autoria de meu depoimento opto:

() pela não identificação de meu nome.

() pela identificação de meu nome.

Participante da Pesquisa (assinatura)

Pesquisadora (assinatura)

LOCAL E DATA: _____